

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES - CAMPUS SÃO PAULO
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - BACHARELADO E
LICENCIATURA

MARINA DOS ANJOS VERZUTTI FONSECA

APRENDER NA CIDADE: RELATOS E VIVÊNCIAS PARA
REPENSAR O CAMINHO CORRIQUEIRO E CONSTRUIR
RELAÇÕES AFETIVAS COM O ESPAÇO PÚBLICO E
URBANO

SÃO PAULO
2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES - CAMPUS SÃO PAULO
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - BACHARELADO E
LICENCIATURA

MARINA DOS ANJOS VERZUTTI FONSECA

APRENDER NA CIDADE: RELATOS E VIVÊNCIAS PARA
REPENSAR O CAMINHO CORRIQUEIRO E CONSTRUIR
RELAÇÕES AFETIVAS COM O ESPAÇO PÚBLICO E
URBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Campus São Paulo, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação da Prof^a Dr^a Rita Luciana B. Bredariolli.

SÃO PAULO
2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

F676cl	<p>Fonseca, Marina dos Anjos Verzutti, 1994-?</p> <p>A cidade e o que sobrou do céu : percepções da paisagem, narrativas afetivas e processo criativo em artes visuais / Marina Dos Anjos Verzutti Fonseca. - São Paulo, 2022. 61 f. : il. color.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes</p> <p>1. Arte - Narrativas pessoais. 2. Artistas. 3. Vida urbana. 4. Cidades e vilas na arte. 5. Paisagens. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.</p> <p>CDD 704.944</p>
--------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

MARINA DOS ANJOS VERZUTTI FONSECA

APRENDER NA CIDADE: RELATOS E VIVÊNCIAS PARA
REPENSAR O CAMINHO CORRIQUEIRO E CONSTRUIR
RELAÇÕES AFETIVAS COM O ESPAÇO PÚBLICO E
URBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Campus São Paulo, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação da Profª Drª Rita Luciana B. Bredariolli.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Rita Luciana B. Bredariolli
UNESP - Orientador

Profª Jaqueline Viana dos Santos
UNESP

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Rita Bredariolli, pelas aulas inspiradoras, pelo acolhimento, incentivo e orientação cuidadosa.

Aos meus pais Elton Fonseca e Salete dos Anjos e ao meu irmão João dos Anjos pelo cuidado e apoio de sempre.

Ao meu grande amor Julio Ortiz, pelo companheirismo, pela ajuda na estruturação do texto e por sempre acreditar e incentivar o meu trabalho.

Às mulheres da minha vida Salete dos Anjos, Regina Marques, Raquel Silveira e Jéssica Maria, pelas conversas construtivas, pela amizade e pelos exemplos de força e coragem.

Ao meu amigo Anderson Mota, pela companhia e alegria dos dias.

A todos os professores e educadores que fizeram parte da minha formação.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a construção do presente trabalho.

RESUMO

A partir de relatos autobiográficos, a presente pesquisa busca elaborar uma análise sobre a minha relação com a cidade de São Paulo, evidenciando experiências que contribuíram para a formação como indivíduo-artista e que despertaram o interesse em discutir e referenciar a cidade através de produções sensíveis e poéticas. Pensa como o caminhar na cidade, atrelado a proposições artísticas, pode ser uma importante ferramenta para transformar a experiência na vida cotidiana, despertar um olhar mais sensível, convidar mais pessoas a ocuparem o espaço público e promover relações de ensino-aprendizagem.

Palavras chave: cidade, São Paulo, caminhar, experiência, educação.

ABSTRACT

Based on autobiographical reports, this research seeks to elaborate an analysis of a smaller relationship with the city of São Paulo, highlighting experiences that contribute to the formation of the individual-artist and that will awaken or interest in discussing and referring to the city through of sensitive productions. .and poetic. Thinking about how to walk in the city, daring in artistic proposals, can be an important tool to transform the daily experience, awakening a more sensitive look, inviting more people to occupy the public space and promoting teaching-learning relationships.

Keywords: city, São Paulo, walking, experience, education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gabriela Saueia, projeto “Depois das seis”, intervenção feita na av. 23 de maio, São Paulo - SP. Fotografia e lambe-lambe, 2015	12
Figura 2: Gabriela Saueia, projeto “Depois das seis”, intervenção feita na rua Tim Maia, São Paulo-SP. Fotografia e lambe-lambe, 2015	12
Figura 3: Marina Verzutti, registros diários do céu, 2015	15
Figura 4: Marina Verzutti, registros diários do céu, 2015	15
Figura 5: Eduardo Coimbra, “Nuvem”, instalação realizada na Praça XV de Novembro - Rio de Janeiro, 2008	19
Figura 6: Silvio Zamboni, “Quem tem medo de olhar para cima?”, exposição realizada na galeria da FAV vinculada a UFG - Goiás, 2012	19
Figura 7: Silvio Zamboni, “Quem tem medo de olhar para cima?”, exposição realizada na galeria da FAV vinculada a UFG - Goiás, 2012	19
Figura 8: Marina Verzutti, deriva em Bauru para a realização do trabalho “O que sobrou do céu”, 2017	21
Figura 9: Marina Verzutti, frame da videoinstalação “O que sobrou do céu”, 2017	22
Figura 10: Marina Verzutti, frame da videoinstalação “O que sobrou do céu”, 2017	22
Figura 11: Marina Verzutti, detalhe do recorte em vermelho da videoinstalação “O que sobrou do céu”, 2017	23
Figura 12: Marina Verzutti, montagem da videoinstalação “O que sobrou do céu”, 2017	23
Figura 13: Marina Verzutti, “Recortes do Céu I”, Fotografia, 2017	25
Figura:14: Marina Verzutti, “Recortes do Céu II”, Fotografia, 2017	26
Figura 15: Marina Verzutti, “Recortes do Céu III”, Fotografia, 2017	26
Figura 16: Marina Verzutti, imagem de referência para pintura, Bauru, 2017.....	27
Figura 17: Marina Verzutti, pintura “Recorte e percepção arquitetônica - o que sobrou do céu” óleo sobre tapume, 2017	28
Figura 18: Lia Menna Barreto, instalação “O Diário de uma Boneca”, 1998	31
Figura 19: Marina Verzutti, livro Nuvem, impressão em papel vegetal, 2018	32
Figura 20: Marina Verzutti, livro Nuvem, impressão em papel vegetal, 2018	32
Figura 21: Marina Verzutti, registros diários do céu, 2021	35

Figura 22: Marina Verzutti, negativos dos registros diários do céu, 2021	35
Figura 23: Marina Verzutti, Todo dia o céu I, Cianotipia, 2021	36
Figura 24: Marina Verzutti, Todo dia o céu II, Cianotipia, 2021	37
Figura 25: Marina Verzutti, Todo dia o céu III, Cianotipia, 2021	38
Figura 26: Marina Verzutti, Detalhe Todo dia o céu, Cianotipia, 2021	39
Figura 27: Marina Verzutti, Imagem final “Todo dia o céu”, Cianotipia, 2021	40
Figura 28: Marina Verzutti, Imagem final “Todo dia o céu”, Cianotipia, 2021	41
Figura 29: Marina Verzutti, Detalhe Imagem final “Todo dia o céu”, Cianotipia, 2021	42
Figura 30: Passeio pelo centro de São Paulo - Livro “O gênio do Crime”, Viaduto do Chá	47
Figura 31: Passeio pelo centro de São Paulo - Livro “O gênio do Crime”, Pátio do Colégio	47
Figura 32: Passeio pelo centro de São Paulo - Livro “O gênio do Crime”, Edifício Martinelli	47
Figura 33: Projeto Rede de Arte, Identidade visual “rede de arte”, desenho de Luciane Alves, 2018	49
Figura 34: Marina Verzutti, Fotografia frase assento de ônibus, 2018	50
Figura 35: Projeto Rede de Arte, intervenção com proposição artística, 2018	51
Figura 36: Projeto Rede de Arte, intervenção com proposição artística, 2018	52
Figura 37: Projeto Rede de Arte, print da página no instagram “@rededearte” com os registros da participação dos passageiros, 2018	53
Figura 38: Projeto Rede de Arte, print da página no instagram “@rededearte” com os registros da participação dos passageiros, 2018	54
Figura 39: Passeio pelo centro de São Paulo - Livro “O gênio do Crime”, minha mãe Salete dos Anjos e eu	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. QUEBRA VISUAL E PAUSA PAUSA NO RITMO: COMO ME APROXIMEI DO TEMA “CIDADE”	11
2. O QUE SOBROU DO CÉU	17
2.1. Série “Recortes do Céu”	24
2.2. Recorte e percepção arquitetônica - o que sobrou do céu	27
3. TODO DIA O CÉU	29
4. APRENDER NA CIDADE E COM A CIDADE	43
4.1 Projeto rede de arte	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

“O que está dentro fica, o que está fora se expande”

Grupo 3NÓS3

INTRODUÇÃO

A cidade é um ponto de convergência e de grande fluxo de informações, sejam elas subjetivas ou formais, estas ligadas a uma ordem interna, como signos comuns aos habitantes e que servem para garantir o funcionamento e a eficiência dos espaços públicos e aquelas de caráter próprio, advindas da paisagem urbana, por meio de formas, cores, texturas, sons, cheiros, interação entre as diversidades culturais, intervenções artísticas e também através das relações afetivas com o lugar. Elementos que são suscetíveis a todos os tipos de leituras e que podem gerar experiências estéticas e sensíveis àqueles que possuem uma percepção mais atenta ao espaço em que vivem.

Artistas e educadores, que usam a cidade como temática de suas pesquisas e produções, estão em constante exercício de pensar como os espaços urbanos se organizam e podem ditar nosso modo de ocupar e experienciar a cidade. Mediante as obras e as proposições, educadores e artistas, identificam problemáticas, abrem espaço para novas experiências e propõem discussões, convidando os passantes a fazerem o mesmo e despertarem um olhar mais sensível para o meio urbano e coletivo.

A partir de textos autobiográficos e da apresentação dos trabalhos desenvolvidos no período que compreende a graduação na Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação Unesp-Bauru, de 2015 a 2017, e no Instituto de Artes da Unesp - São Paulo, 2018 a 2021, o presente trabalho busca narrar experiências, em diálogo com a cidade, que foram fundamentais para o desenvolvimento do meu interesse pela cidade, pelas práticas artísticas e educacionais.

As narrativas, sem corresponder a uma ordem cronológica, vão desde memórias marcantes da infância, nas quais trago relatos de passeios e conversas com os meus pais que ocasionaram um olhar mais curioso, atento, sensível e afetivo aos lugares, passando por momentos da minha adolescência e período anterior a graduação, evidenciando percepções de quando conquisto mais autonomia para andar pelas ruas e desperto interesse pelas intervenções artísticas e manifestações culturais presentes na cidade de São Paulo, até o período em que inicio na faculdade, mudo para uma cidade interiorana e percebo uma significativa mudança na paisagem, desencadeando um sentimento de estranhamento que me

fez pensar como a cidade exerce uma influência grande na minha maneira de interagir como o espaço em que vivo.

O trabalho é dividido em quatro capítulos: o primeiro, faz um breve mapeamento das vivências que me aproximaram do tema, relatando o processo de mudança e observações sobre a diferença entre a cidade de São Paulo e Bauru.

O segundo capítulo aprofunda e descreve o processo criativo e o desdobramento da série “O que sobrou do céu”, composta por uma videoinstalação feita em coletivo, fotografias e uma pintura, trazendo referências artísticas como Eduardo Coimbra (Rio de Janeiro - RJ) e Silvio Zamboni (São Paulo-SP) que contribuíram para a construção estética e conceitual do trabalho, com o objetivo de discutir o limite do olhar imposto pela exagerada e vertical malha urbana de São Paulo.

O terceiro, intitulado “todo dia o céu”, imerso no contexto da pandemia e na tentativa de elaborar e retomar produções anteriores, pensa os limites da visão e falta de horizonte (agora imposto pelas paredes e pela monotonia dos cômodos da casa) e o sentimento de privação da cidade a partir da experiência de estar em isolamento e a tentativa de reconstruir e ressignificar o ambiente para retomar a prática artística depois de quase dois anos paralisada pelo difícil contexto.

Por fim, o capítulo “aprender na cidade e com a cidade” resgata memórias de caminhadas e conversas que aconteceram na minha infância, entende a importância delas para despertar uma atuação mais sensível e envolvida com a cidade, apresenta o trabalho do coletivo “apê - estudos em mobilidade”, que promove ações educativas e debates abertos sobre pesquisas em mobilidade e educação através de parcerias com escolas e instituições culturais desde 2012, também traz o trabalho “Rede de Arte” desenvolvido na graduação em parceria Luciane Alves, buscando estabelecer uma interação com os passageiros de diferentes linhas de ônibus a partir de intervenções com proposição artística coladas atrás dos assentos.

A escolha de fazer o Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado e de Licenciatura juntos, se dá pelo entendimento de que as produções artísticas e a afinidade pela temática aconteceram motivadas pelas vivências no âmbito da educação, que despertaram curiosidade para as formas vivas e dinâmicas da cidade. Além de observar que essas experiências podem nos tornar aptos a articular o mundo ao redor e entender a significativa importância de propostas educativas

para criar vínculos com os lugares, trazer diálogos, convidar os habitantes a serem mais participativos na vida coletiva, pensar problemáticas, ou apenas instigar as pessoas a driblar a forma como o sistema vigente nos obriga viver: numa lógica de produtividade excessiva, acúmulo de informação e quase nenhum espaço para o livre exercício da experiência.

A educação, assim como a prática artística, passa por processos de criação, ressignificação, trocas e afetos. É difícil, portanto, dissociar as práticas e identificar quando uma acaba e a outra começa. Pensar na criação artística, atrelada ao contexto e a interação com as pessoas é bastante potente para o campo da educação e pode fomentar experiências marcantes e enriquecedoras, ainda mais quando abertas à cidade, pois possibilitam conexões abrangentes, compartilhadas, dinâmicas e vivas, adicionando camadas de subjetividade na estrutura visualmente rígida, mas que na verdade guardam inúmeras narrativas e pulsam com as relações criadas pelas pessoas que as vivenciam.

1. QUEBRA VISUAL E PAUSA PAUSA NO RITMO: COMO ME APROXIMEI DO TEMA “CIDADE”

Em São Paulo, antes mesmo de iniciar minha formação em Artes Visuais, já flertava com obras e artistas que trabalham no espaço público e urbano. Gostava de encontrar intervenções pelos lugares que caminhava, acompanhava de perto o trabalho de alguns pixadores e grafiteiros, criava mapas mentais dos lugares em que as pinturas murais apareciam com mais recorrência e buscava formas de pensar e criar pequenas intervenções na rua.

Na época, já entendia a cidade como um espaço comum e passível de múltiplas manifestações e expressões culturais - algumas intrínsecas às culturas de povos que fizeram parte da formação históricas de São Paulo, e outras ligadas a ações diretas (artísticas e/ou políticas) que partem da leitura prévia do espaço e buscam dialogar, confrontar, ressignificar, comunicar ou propor experiências que fogem da lógica comum daquele meio.

Essas manifestações que coexistem, se somam, disputam territórios e buscam visibilidade para diversas narrativas, tornando a cidade um grande “plano” aberto, dinâmico e em constante transformação, são importantes disparadores de questionamentos, reflexões e experiências, pois adicionam camadas de leituras, dão vozes à cidade e abrem espaços para pensar outras formas de ocupá-la. Além disso, despertam um olhar atento e sensível para o caminho corriqueiro e proporcionam uma relação mais afetiva com a vida cotidiana.

Um dos trabalhos que me colocou no exercício de olhar a cidade com mais atenção foi o projeto da artista paulistana, Gabriela Saueia, 31, intitulado “Depois das seis”, no qual desde março 2013, a fotógrafa registra o pôr do sol de diferentes pontos da cidade de São Paulo e compartilha através de lambe-lambes colados em bairros da capital.



As imagens do céu produzidas pela artista com a câmera do celular, sempre em tons alaranjados e avermelhados devido ao horário que foram tiradas, são impressas em pequeno formato e espalhadas por lugares não usuais: cantinhos de muros, postes mais estreitos e calçadas, causando surpresa aos transeuntes e gerando um ato espontâneo de aproximação do corpo à imagem. A intervenção, muitas das vezes, passa despercebida por ser sutil, mas quando vista tem o poder de quebrar movimentos automáticos e criar novos gestos, deslocando, mesmo que por um curto espaço de tempo, a atenção de alguém.

O movimento de olhar para as pequenas fotografias dispostas em lugares não imediatos ao campo de visão, se assemelha ao próprio movimento de contemplar pôr do sol, no sentido que as duas ações necessitam, em meio a correria de São Paulo, de um olhar mais demorado e atencioso, tendo como consequência uma quebra no ritmo marcado pela rotina que não nos permite fazer isso com constância.

É bonito pensar também que Saueia encontrou uma forma de “arquivar”, na própria cidade, o registro de um momento efêmero e único, pois apesar do pôr do sol acontecer todos os dias, nunca é igual, dado que o céu, a composição dos prédios - dependendo do bairro - e o enquadramento escolhidos pela artista sempre mudam. O trabalho é generoso por tornar pública uma forma singular de olhar para a cidade e por nos oferecer a chance de contemplar com zelo uma imagem que nos é distanciada devido a impositiva composição urbana, além de nos ensinar a buscar formas de diversificar nossos olhar.

Nesse sentido, meu encantamento nas ações e intervenções na cidade é motivado pelas sutilezas, surpresas e reflexões inesperadas que a imagem, frase ou objeto podem causar em mim e nos outros. A conexão com a arte, num primeiro momento, tinha a cidade como provedora e tornou mais forte o meu vínculo com a prática artística, mas não havia, até então, pensado em tratar a cidade como uma fonte de inspiração para criar trabalhos.

O desejo de explorar a cidade como objeto de estudo e temática da minha produção sensível, teve início após mudança de São Paulo para Bauru. Em 2015, iniciei o curso de Artes Visuais na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus Bauru-SP e me percebi, ao longo dos primeiros meses, tendo que reeducar o meu olhar e o meu corpo - já viciados na caótica composição urbana da capital paulista - para uma

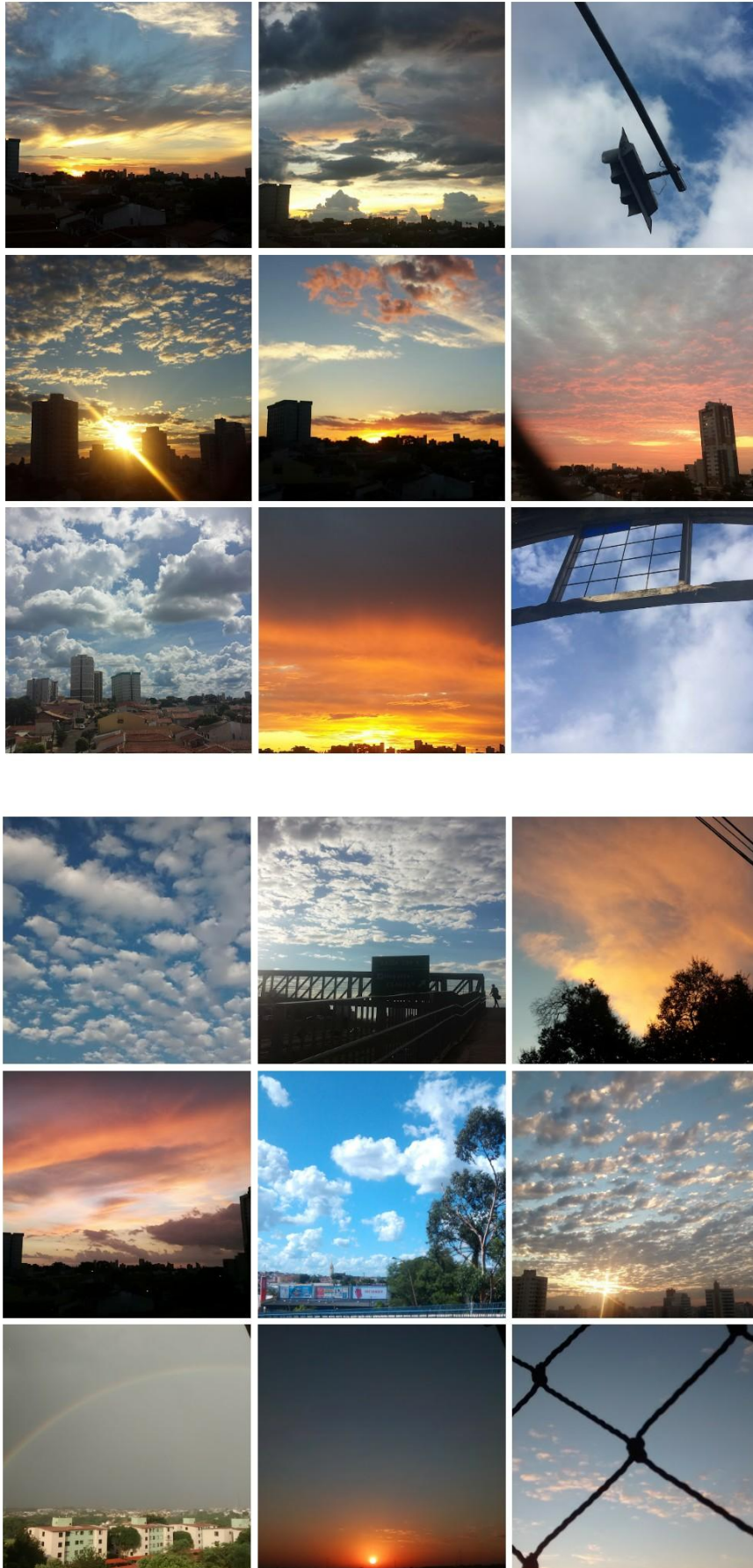
paisagem consideravelmente contrastante: construções mais baixas, bairros menores, uma vista ampla para o horizonte, presença de poucas sombras e quase nenhum lugar público destinado ao convívio e ao lazer

A vista de Bauru, ampliou meu olhar para o horizonte, mudou minha relação com a paisagem (algo que antes parecia distante e fragmentado pela minha percepção), me colocou numa relação direta e intimista com um céu amplo, quase nenhum ruído ou interferência de construções urbanas. Passei meses, ou posso até arriscar dizer que, passei todos os anos que estive por lá obcecada pela amplitude, pelas cores e pelas formas do céu de Bauru. Registrava dia após dia as variações das texturas, das formas e das tonalidades das nuvens.

A sensação de conviver com um céu tão intenso sobre mim era diferente de viajar e passar alguns dias numa cidade distante com uma natureza mais presente, porque Bauru, apesar de ser uma cidade menor em comparação a cidade de São Paulo, é uma cidade interiorana bem urbanizada e considerada referência na região, servindo até de suporte para cidades vizinhas e menores. Mesmo com o contexto urbano, tinha a impressão constante de que o céu podia me engolir a qualquer momento, era muito maior, pesado e presente naquele lugar. Muito diferente da percepção que tinha em relação ao céu de São Paulo: uma imagem opaca, pela enorme quantidade de poluição, apagada e fragmentada pela arquitetura exageradamente vertical e volumosa.

A significativa diferença visual por parte das construções e informações oferecidas pela cidade causou um impacto tão grande na minha percepção e interação com o espaço que motivou uma investigação pessoal (provocada pela sensação de estranhamento) e estética (sobre ângulos, formas, cores e arquitetura) geradas pela mudança e despertou o desejo de narrar minha relação com São Paulo através de trabalhos poéticos.

Tomada pela constante sensação de estranhamento com a nova paisagem, pude perceber, pela ausência de prédios e pela amplitude do horizonte o quanto a composição e a organização urbana condicionam o nosso olhar, por exemplo, em São Paulo a excessiva massa urbana cria barreiras, limites e não permite alcançar uma vista longínqua, preenchendo e sobrecarregando a nossa vista. A vista mais delicada de Bauru, mesmo cheia de estímulos, causou um descanso não habitual à minha visão e gerou um descompasso tão grande que quis, de forma inconsciente, reconstruir, ao meu redor, a paisagem que meus olhos já estavam acostumados.



Minha produção, então, começou a ser tomada por formas e ângulos que remetiam a cidade primeira, na tentativa não só de elaborar o estranhamento e o sentimento de falta, como também de ocupar e reproduzir a paisagem a qual meus olhos já estavam habituados. Foi pela falta, pela pausa no ritmo e pela quebra visual que tive a oportunidade de revisitar e refletir sobre vivências anteriores e torná-las, de fato, experiências significativas e marcantes. Segundo o escritor Jorge Larrosa Bondía, no texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, publicado em 2002 pela revista Revista Brasileira de Edu:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Se fez necessário portanto uma pausa, uma reflexão e uma atenção cuidadosa ao que foi vivenciado anteriormente para entender como as experiências nos atravessam e se tornam significativas, pois estar imerso na rotina caótica que São Paulo forçosamente nos insere, não abre espaço para pensar como a arquitetura, o ritmo e a diversidade cultural, se manifestam nas formas de viver e experienciar a cidade. Nós apenas vivenciamos, sem parar pra pensar muito sobre os afetos. A pausa no ritmo causada pela mudança de cidade e a tentativa de elaborar sentimentos tão controversos, causados pelo novo lugar, permitiu, por meio da produção, explorar e preencher as lacunas abertas pela mudança.

2. O QUE SOBROU DO CÉU

A série "O que sobrou do céu" é um desdobramento de experiências causadas pelo contraste visual entre as cidades de Bauru e São Paulo. Ela é composta por fotografias, pinturas e uma videoinstalação concebida coletivamente a partir de derivas realizadas entre as duas cidades.

Quando morava em Bauru, fazia constantes viagens para São Paulo com a finalidade de visitar minha família e reencontrar amigos. A viagem, que durava em média três horas e meia, abria espaço para pensar sobre já estar estabelecida há algum tempo em outra cidade e não conseguir sentir conexão ou pertencimento ao lugar, ao mesmo tempo que não acompanhava mais o ritmo de São Paulo. A estrada me levava sempre ao mesmo estado de estranhamento: eu já não era mais São Paulo e nunca cheguei a ser Bauru. A estrada, naquele momento, virou o meu lugar e a melhor forma de me identificar.

No percurso, muitas das vezes, buscava encontrar uma espécie de fio condutor entre os dois lugares. Algo que ajudasse a conectar as partes que estavam fragmentadas na experiência de morar numa cidade a trezentos e cinquenta quilômetros de São Paulo. Tentava identificar elementos que eram constantes na paisagem e as transformações entre os espaços. O que era mais recorrente chegando perto de Bauru? O que eu deixava para trás me distanciando de São Paulo? O que permanecia constante entre lá e cá? Olhava pela janela, tentando pensar o caminho que ocupou boa parte da minha vivência entre 2015 e 2018. A partir dos questionamentos, surgiram ideias para vários projetos que se desdobram de diferentes formas, um deles é a série "O que sobrou do céu", no qual quis observar e pensar a abertura do céu conforme eu me distanciava da paisagem verticalizada de São Paulo e me aproximava da horizontalidade das construções de Bauru.

Na época, estava cursando a disciplina "Reflexões Poéticas Transdisciplinares" ministrada pela Prof^a Dr^a Regilene A. Sarzi Ribeiro - na qual, éramos incentivados a desenvolver projetos em coletivos e buscar referências em outras áreas de conhecimento - e pensei que seria uma ótima oportunidade de dar forma às ideias que já estavam sendo esboçadas na minha cabeça há algum tempo. Apresentei, então, a proposta sobre o comparativo do céu para o grupo que costumava trabalhar e todos concordaram em desenvolver. A partir daí foram realizadas reuniões para discutir o projeto, pesquisar materiais de referências e

pensar possíveis desdobramentos a partir dos interesses e habilidades de cada integrante.

Logo na primeira conversa, o grupo percebeu uma característica em comum que se tornou fundamental para a realização do trabalho: ninguém era natural de Bauru, todos haviam se mudado para a cidade a fim de cursar artes visuais. O que possibilitou ampliar a proposição que antes se restringia apenas a Bauru - São Paulo. Agora, iria incorporar também outras cidades como Americana, Santa Bárbara do Oeste e Ibiúna. Cidades interioranas, com paisagens mais ou menos distintas do nosso referencial primeiro: São Paulo.

Na ideia inicial apresentada para o grupo, tinha o desejo de fazer grande parte do trabalho usando a técnica de desenho de observação, talvez criar um vídeo que fosse sobrepondo os diferentes esboços para mostrar a abertura gradual do céu, mas ao decorrer das discussões e dos encontros, a ideia não se mostrou viável para todos, pois uma das premissas para a realização do trabalho era criar um padrão e uma unicidade das imagens, já que cada um iria realizar individualmente a deriva na sua própria cidade, por tanto, o vídeo se apresentou como um recurso comum, que todos tinham acesso e familiaridade para produzir.

Optamos por fazer uma videoarte e ao longo dos encontros e orientações com a professora Regilene Sarzi, tivemos contato com os trabalhos dos artistas Eduardo Coimbra (Rio de Janeiro - RJ, 1955) e Silvio Zamboni (São Paulo-SP) que se tornaram importantes referências visuais para a concepção do nosso projeto. Em especial, a instalação “Nuvem” de Coimbra e a série de fotografias “Quem tem medo de olhar para cima” de Silvio Zamboni. “Nuvem”, exibida pela primeira vez em 2008 na praça XV de Novembro no Rio de Janeiro, foi pensada especialmente para o contexto urbano. É composta por cinco caixas quadradas que medem 4,7 x 4,7 metros, posicionadas em paralelo e respeitando o intervalo de 2 metros entre cada uma. As caixas sustentam e iluminam, por meio de um sistema interno de lâmpadas, imagens de nuvens destacadas pelo fundo azul chapado. Já as laterais são revestidas por espelhos que refletem fragmentos da região onde estão inseridas. A instalação tem como intenção aproximar os transeuntes do céu e, devido a sua larga escala, podem ser vistas à distância através das janelas dos carros e moradores do bairro.

Já a série “Quem tem medo de olhar para cima”, é composta por fotografias que buscam evidenciar edificações através de ângulos não usuais. O artista relata, no artigo “Pesquisa em torno da linguagem fotográfica - alguns de meus percursos.”

escrito e publicado por ele em 2013 no 22º Encontro Nacional Anpap (Belém - Pará), que ao revisar fotografias antigas, tiradas apenas para servir de referências às suas pinturas a óleo, se atentou para os ângulos escolhidos e ficou bastante intrigado. Quando despertou um interesse maior pela linguagem fotográfica como forma de fazer arte, deu início a pesquisa de novas perspectivas de enquadramento, experimentando capturar imagens de baixo para cima dos prédios com o propósito de explorar e estimular olhares pouco demandados pelos passantes.



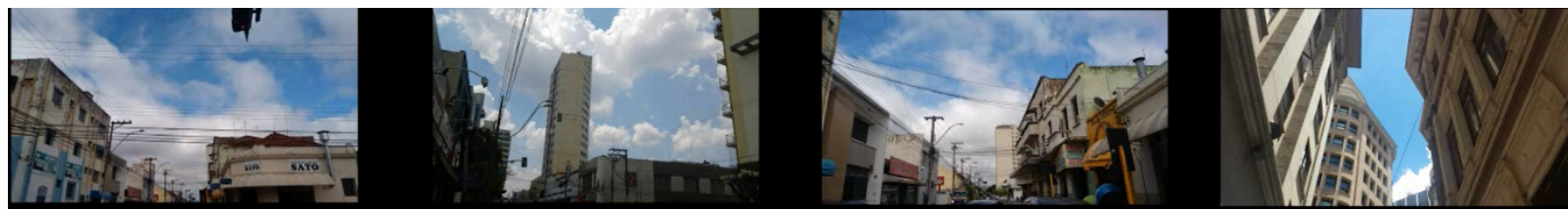
Ambos os trabalhos foram importantes não só para identificar a relevância do tema na área de Artes Visuais como também observar as soluções encontradas pelos artistas para discutir a problemática referente ao distanciamento e percepção distorcida do céu em cidades muito verticalizadas. Além de despertar uma preocupação estética com a fotografia do vídeo, nos fazendo ter uma atenção maior aos ângulos e enquadramentos.

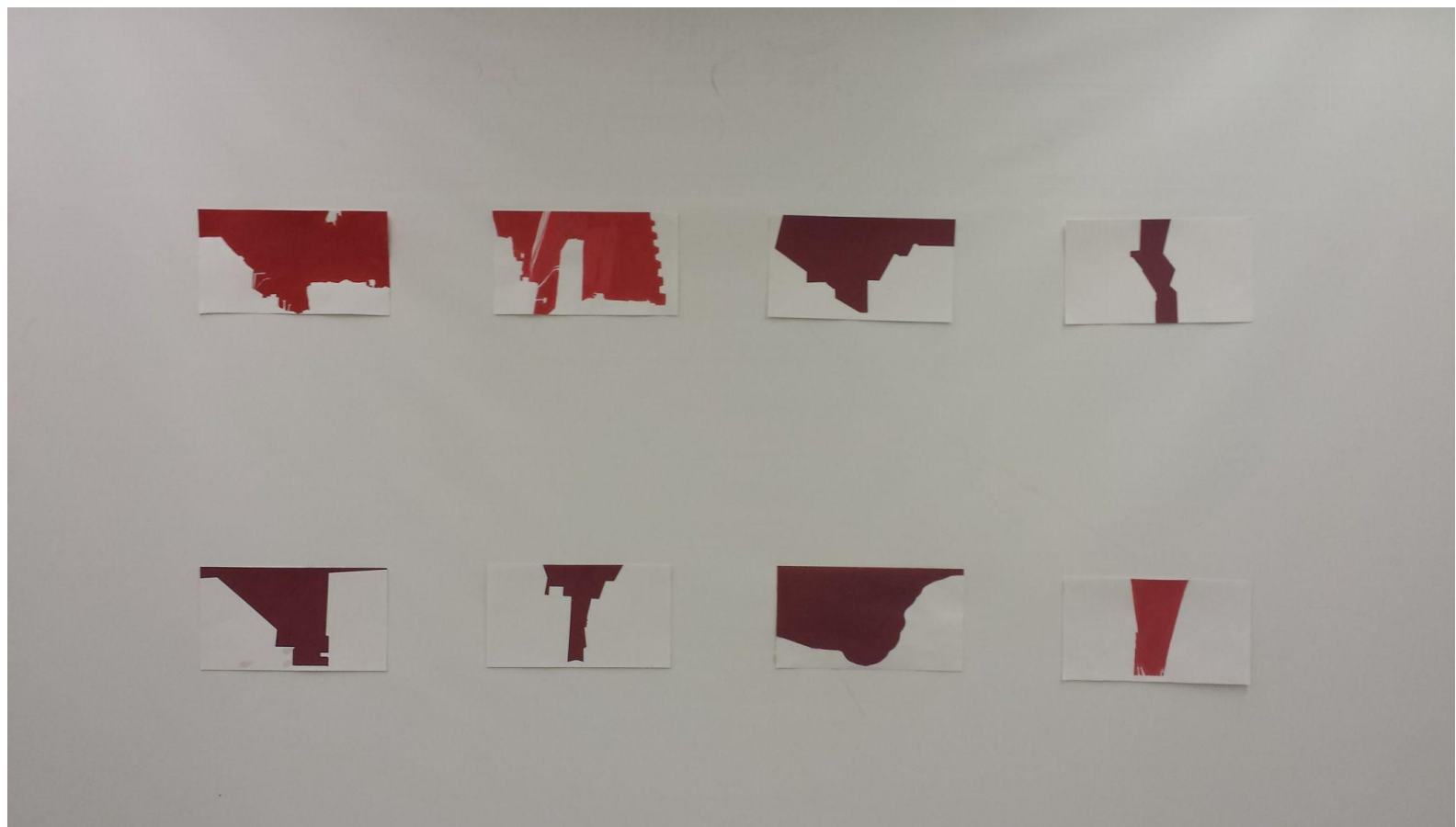
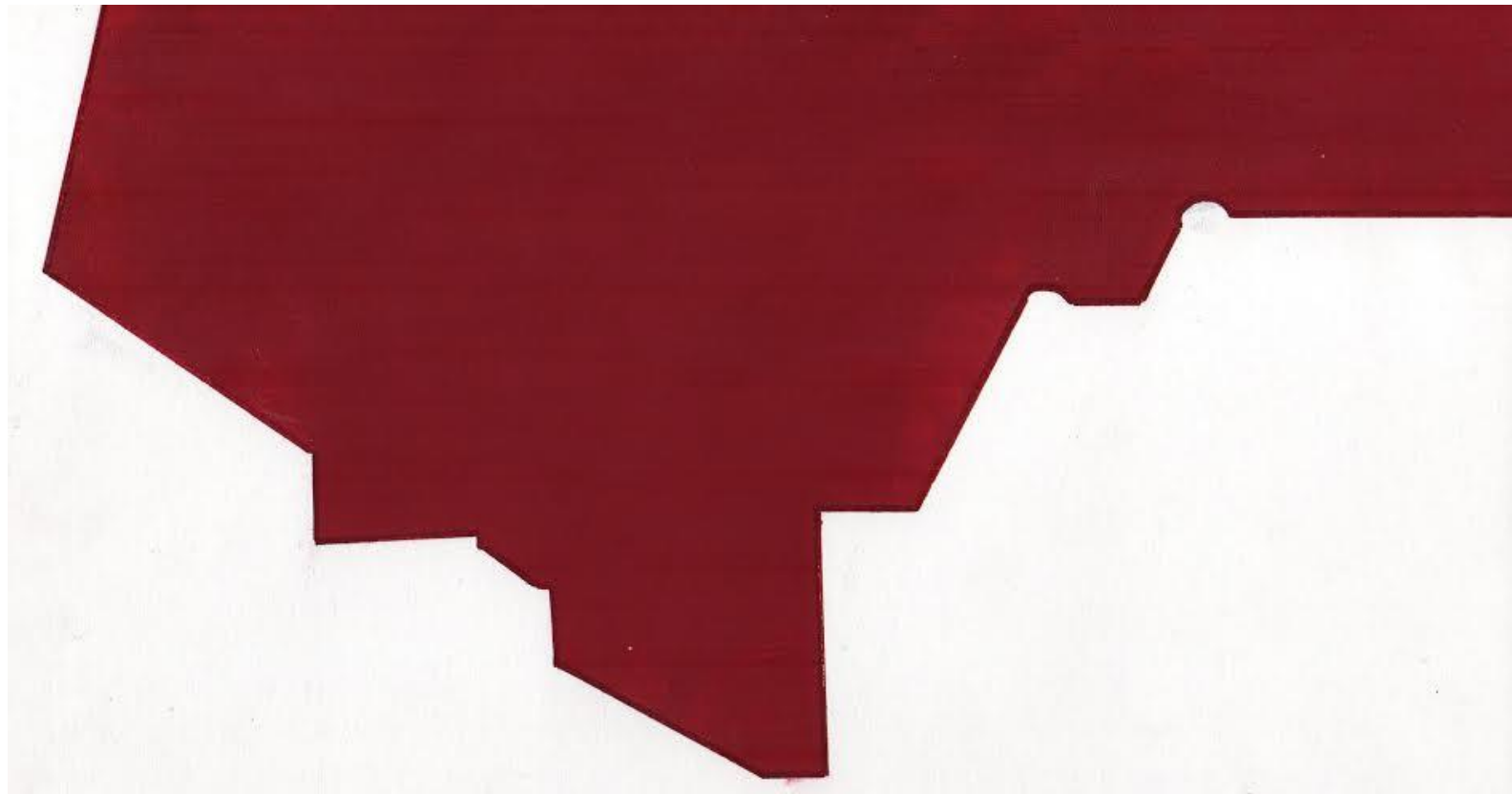
Fizemos a primeira deriva em Bauru com o objetivo de acordarmos juntos as diretrizes para a produção do vídeo: preferência do local, posição e angulatura da câmera, formato, tempo de duração e se as imagens seriam capturadas em movimento ou não. Mesmo não havendo caminho pré determinado, foi decidido que todos iriam realizar as caminhadas no centro de cada cidade, pois era o local onde esperávamos encontrar uma urbanização mais agressiva, dado que é comum haver prédios comerciais e de empresas (naturalmente maiores e mais altos) e para nós, era essencial aparecer nas imagens elementos típicos de cidades urbanizadas, assim conseguiríamos enfatizar a tensão entre o concreto e o céu, além de criar um comparativo mais fidedigno entre as cidades.

Todas as decisões foram surgindo de forma orgânica à medida que íamos experimentando as filmagens durante o processo de caminhar juntos e nos deixou mais confortáveis para realizar o percurso separados.

Após cada integrante coletar as imagens, nos reunimos para discutir e iniciar a edição. Fizemos algumas experimentações de transição, opacidade e sobreposição, mas optamos por manter a integridade das imagens e brincar apenas com sequenciamento. Criamos uma espécie de mosaico dividido em três linhas: na primeira e na última, aparecem, em menor escala e de forma desordenada, frames e fotografias com enquadramentos esteticamente interessantes. Já a linha do meio, em maior escala e com mais destaque, apresenta uma sequência de três quadros que mudam, sempre da esquerda para direita, conforme aparecem três cortes diferentes de uma mesma cidade e inicia uma nova, possibilitando assim a comparação entre a abertura do céu e ao mesmo tempo, dando a oportunidade ao espectador de observar a particularidade de cada paisagem.







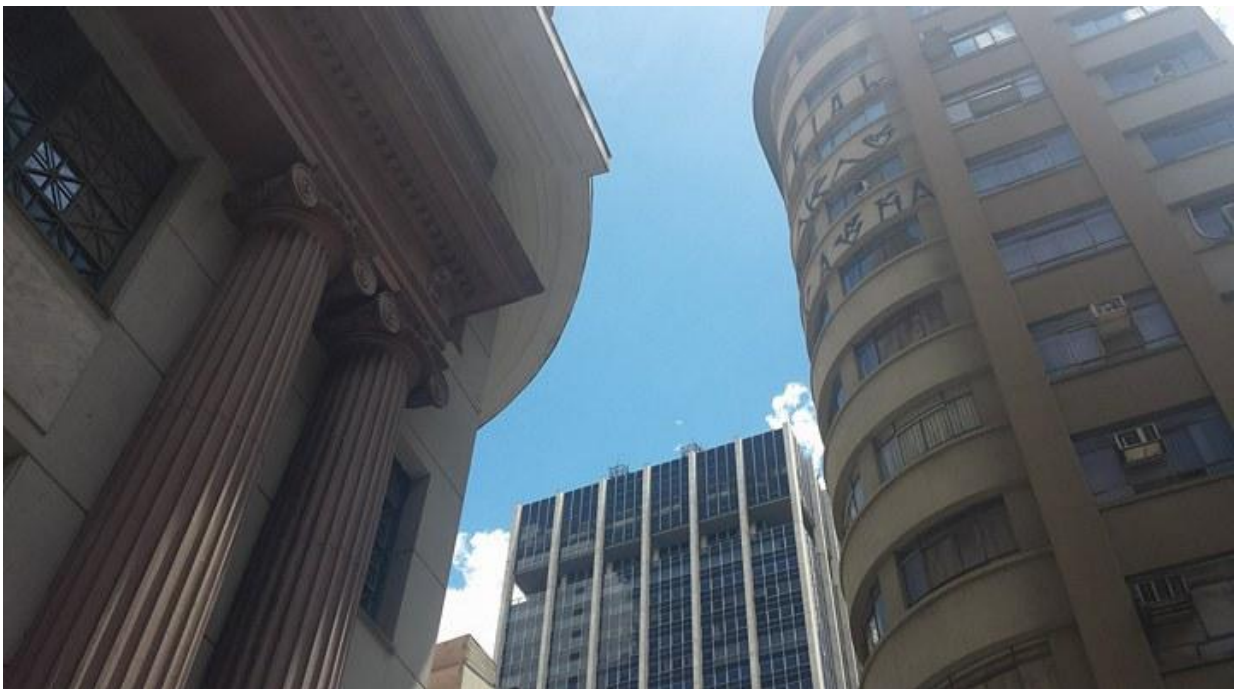
No processo final da edição do vídeo (ainda pensando na sugestão do desenho que tinha feito no início do projeto) sugeri que fizéssemos um “recorte” manual do céu a partir da escolha de alguns “frames”, para, no momento da projeção, evidenciar as formas geradas pela arquitetura das diferentes cidades. Todos concordaram com a ideia e foram definidos os materiais: papel branco e tinta acrílica vermelha para dar destaque na projeção. Os destaque em vermelho geraram formas isoladas muito distintas e deram uma força visual e estética para o trabalho.

Ao apresentar a videoinstalação como trabalho final da disciplina “Reflexões Poéticas Transdisciplinares”, tivemos um espaço para conversar com os colegas e compartilhar algumas observações feitas pelo coletivo durante o processo. Aproveito para destacar algumas delas: a diferenças de sons existentes entre as cidades (que foi preservada na edição e por vezes sobrepostas); em São Paulo, a necessidade de ultrapassar o ângulo (de aproximadamente 45°) estabelecido pelo grupo, pois não seria possível incluir o céu no enquadramento (fazendo-se necessário posicionar a câmera em 90° em relação ao chão para conseguir o resultado que gostaríamos); era mais comum aparecer fios e postes de luz nas imagens capturadas nas cidades interioranas, pois as construções raramente ultrapassam as afiações. Os apontamentos e a apresentação do vídeo deram início a uma conversa com a turma que motivou outras pessoas descreverem aspectos da arquitetura de sua própria cidade.

2.1. Série “Recortes do Céu”

O processo de produção e desenvolvimento coletivo da videoinstalação me fez prosseguir na investigação das formas geradas pela arquitetura, por meio da fotografia, dando início a série “Recortes do Céu” na qual busco evidenciar formas delimitadas pela arquitetura usando o céu como plano de fundo. Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre paisagens urbanas e tem como principal objetivo discutir os limites visuais que a arquitetura nos impõe, além de pensar nossa relação com a cidade e as formas que a mesma se organiza.





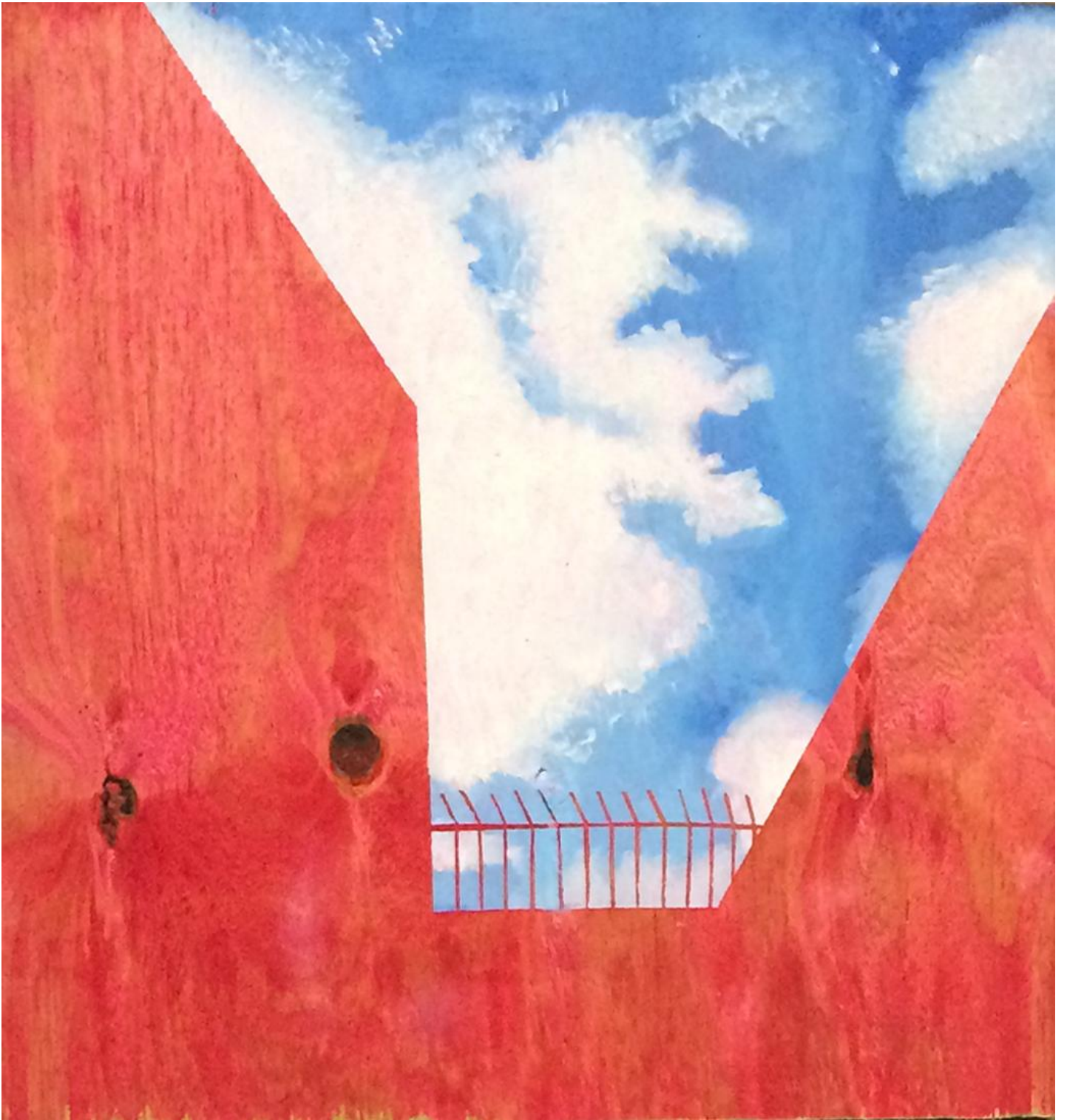
2.2. Recorte e percepção arquitetônica - o que sobrou do céu.

No mesmo semestre de 2017, estava cursando a disciplina “Ateliê - Laboratório de Linguagem Pictórica” com o Prof Dr José Marcos Romão da Silva, carinhosamente conhecido como Romão. Toda semana, tínhamos aulas expositivas sobre movimentos artísticos e exemplos de pintores renomados referente ao período. As aulas servem como inspiração e ponto de partida para exercícios práticos, mas também dá-nos a liberdade de desenvolver projetos relacionados a pesquisas pessoais. Sendo assim, iniciei a pintura “Recorte e percepção arquitetônica - o que sobrou do céu” 50 x 50 cm, 2017, óleo sobre, tapume, que descarta totalmente as edificações e evidencia apenas o céu. Usei como referência uma fotografia realizada durante a deriva pelas ruas de Bauru.

A escolha do suporte (tapume) foi pela associação direta que faço ao avistar uma nova construção, pois toda vez que vejo um terreno dentro da cidade cercado por tapumes, sei que em breve haverá um novo prédio para fechar ainda mais a visão do céu.

O trabalho fez parte do salão de arte Rio Claro e foi contemplado com uma menção honrosa.





3. TODO O DIA O CÉU

Em março de 2020 foi decretada a quarentena no estado de São Paulo devido a pandemia causada pelo vírus covid-19. Escolas, estabelecimentos comerciais e instituições culturais tiveram que se manter fechadas para controlar a disseminação do vírus e salvar mais vidas. A falta de conhecimento sobre o novo vírus e a posição negacionista do governo federal, geraram momentos de muita insegurança, medo e incerteza para grande parte da população brasileira. Foi um ano pautado por muita tristeza, milhares de vidas perdidas e agravamento na crise social do país. Jovens e crianças ficaram sem escolas e grande parte da população adulta perdeu o emprego. A má gestão da crise sanitária fez a pandemia atingir níveis catastróficos, fazendo-se necessário prolongar a quarentena (para aqueles que podiam ficar em casa) por quase dois anos. O isolamento social prolongado afetou a saúde mental de todos e nos fez conviver constantemente com sentimentos como estresse, medo, ansiedade, insegurança, tristeza, entre outros, tornando difícil dar continuidade a tarefas simples do dia a dia e aos projetos que já estavam em andamento.

O ano de 2020 seria o meu último período no Instituto de Artes da UNESP e havia começado um novo estágio como educadora no Centro Cultural Banco do Brasil, onde pretendia atrelar minha pesquisa pessoal sobre a cidade de São Paulo ao projeto educativo da instituição, já que a equipe fixa do CCBB além de promover visitas e propostas de atividade relacionadas às exposições temporárias, tinha também pesquisas bastante contundentes sobre patrimônio, história do centro antigo de São Paulo e projetos que ocupavam os arredores da instituição para promover um diálogo com a cidade e a comunidade próxima. Entretanto, perdi meu trabalho, nada foi possível realizar e eu precisei repensar minha pesquisa de TCC. Formulei algumas ideias de projetos, mas a enorme insegurança do momento me deixou paralisada, não consegui colocar nenhuma pesquisa em prática.

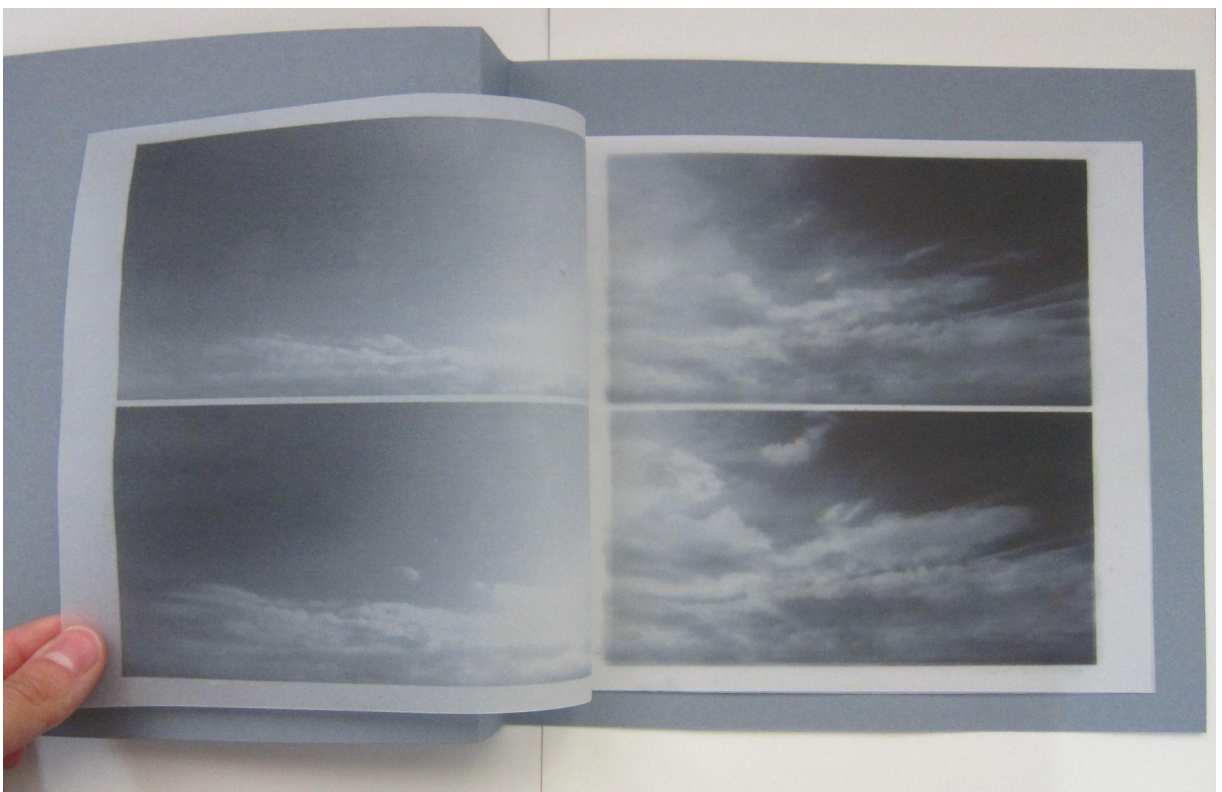
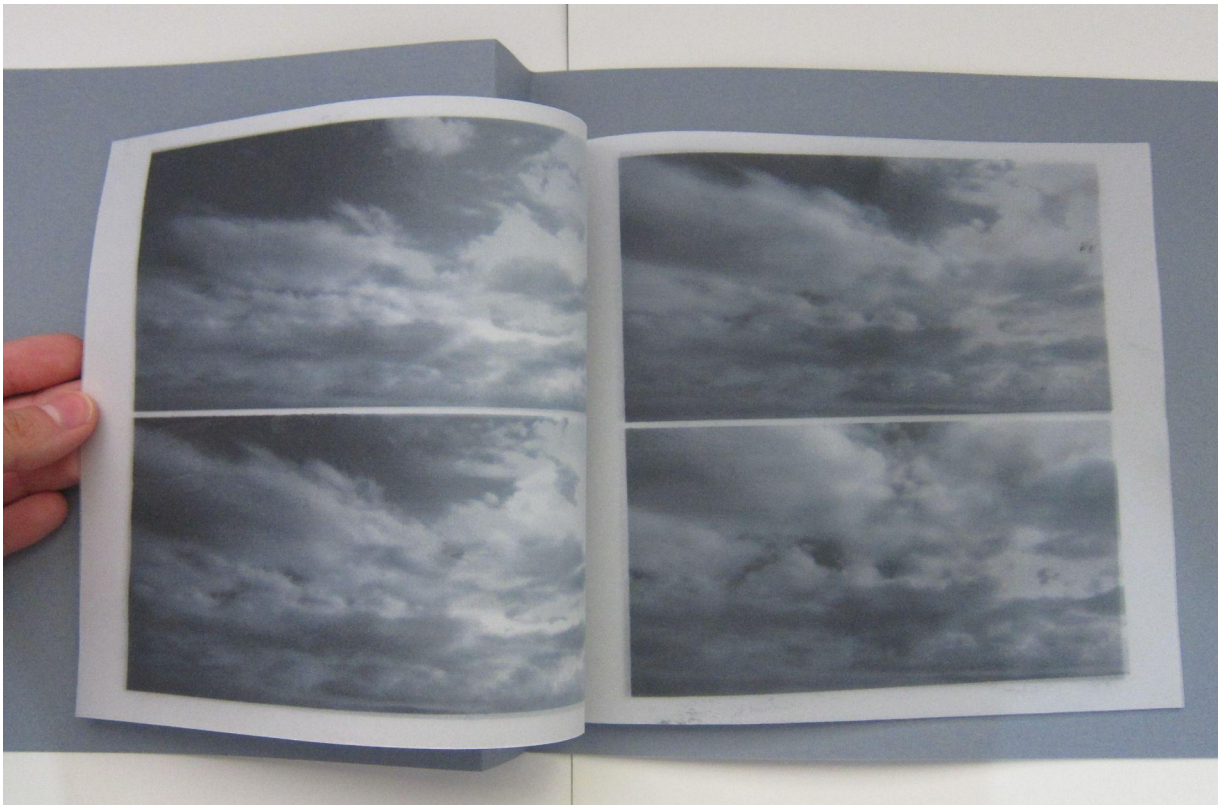
Quando consegui acalmar um pouco minha ansiedade frente a tantas notícias tristes, me propus a concentrar num dia de cada vez. Criei uma nova rotina que envolvia muitas tarefas práticas e possíveis de serem feitas para tentar me manter em movimento: comecei a cozinhar todos os dias, a cuidar da casa com mais atenção aos gestos e criar hábitos diferentes para estabelecer um ritmo na semana. Isso fez com que me sentisse ativa e com mais disposição para começar a pensar nos projetos. Retomei as atividades acadêmicas depois de alguns meses e

pensando novamente no meu projeto de tcc, quis fazer algo que falasse sobre a experiência de estar em isolamento. Algo que desse continuidade, de alguma forma, aos trabalhos anteriores e que, ao mesmo tempo, se mesclasse aos afazeres que já estava pondo em prática (já que a nova rotina em casa foi o que conseguiu me tirar de um estado de inércia). Queria que fosse um processo de produção com movimentos similares aos que eu já havia iniciado com as tarefas da casa. Algo que se misturasse de tal maneira que seria difícil dissociar as atividades do dia a dia com a produção como artista. A solução seria, então, compartilhar, adaptar e enxergar os cômodos da casa com uma extensão do ateliê. Era importante também que o trabalho tivesse uma sensibilidade para transparecer, de forma sutil, a sensação difícil e nebulosa de estar em isolamento.

Pensando sobre o projeto, lembrei do trabalho da artista Lia Menna Barreto, 1959, Rio de Janeiro, que depois de engravidar, passou anos sem conseguir entrar no ateliê para produzir. A rotina exaustiva da maternidade a impedia de pensar e executar novos projetos. Até que uma noite, depois de colocar sua filha para dormir, a artista entrou no ateliê com o intuito de fazer uma boneca para presentear a filha. A criança gostou tanto que animou a mãe a fazer um conjunto de bonecas. O ato de fazer as bonecas, fez a artista perceber que deveria voltar ao trabalho. Ela passou a confeccionar uma por dia e após completar uma semana, observou que as bonecas eram uma espécie de calendário que registrava não só a passagem do tempo, como também o estado emocional da artista. O trabalho foi desenvolvido ao longo de um ano e recebeu o título de “O Diário de uma Boneca”, pois dependendo do estado de cansaço, humor, ou tempo disponível da artista, a boneca ganhava um aspecto diferente.



Assim como Barreto, quis criar um trabalho, a partir de processos diários, que registrasse os meus dias e dialogasse com as condições e sentimentos impostos pelo isolamento social. Posto isto, fiz um levantamento dos materiais que tinha em casa e revisei os projetos guardados nas gavetas. Até que me deparei com um trabalho desenvolvido para a disciplina Mídia IV (fotografia digital) ministrada pelo docente Rogério Rauber, no qual criei um livro de imagens em preto e branco impressas no papel vegetal (devido a característica translúcida do material que permite ver por detrás das folhas) e sobrepostas. As imagens são frames retirados de um vídeo feito despretensiosamente por mim na cidade de Bauru e mostra a passagem de nuvens carregadas pelo céu. Por ter o formato de livro, possibilita uma mobilidade e uma liberdade maior para gerar combinações e diferentes níveis de adensamento das imagens, já que apresentam concentrações maiores e menores de nuvens. O interesse era observar os resultados gerados pelo acúmulo, ou não, dos volumes existentes nas imagens.



Revisitar o trabalho despertou a vontade de produzir uma única imagem resultante da sobreposição dos dias em isolamento. Uma imagem confusa, densa e de difícil leitura, mas quando esmiuçada, é possível perceber a passagem do tempo e as diferenças de intensidade dos dias. Sendo assim, me propus a fotografar o mesmo lugar durante seis dias e sobrepor as imagens. A escolha de realizar as fotografias sempre com o mesmo enquadramento e sem diversificar a composição, se dá pelo desejo de enfatizar a restrição e a monotonia do olhar devido ao longo tempo de isolamento.

Para contextualizar, moro num pequeno apartamento térreo virado para uma estreita área comum onde ficam alguns vasos de plantas e quase nenhuma circulação de pessoas. As vistas das janelas do apartamento dão para outras janelas, ou seja, não tem visão para o bairro e isso causa uma sensação de aprisionamento ainda maior. É necessário entrar na área comum e direcionar o olhar para um lado específico onde, felizmente, não há construções de casas ou prédios, e assim conseguir visualizar algum lugar livre de concreto. Entretanto, a visão não deixa de ser limitada, já que a estrutura do meu próprio prédio também impõe barreiras.

O recorte que o prédio produz na área aberta, remeteu a série “O que sobrou do céu” apresentada no capítulo anterior e fez pensar que a moldura criada pelas laterais do edifício podia proporcionar uma vista dinâmica, viva e imprevisível. Assumir o compromisso de olhar para a abertura todos os dias, seria um exercício diário de atenção aos detalhes de composição e tonalidades e de driblar a monotonia das paredes de concreto.

O suporte escolhido para o trabalho foi a fotografia, mas optei por transpor as imagens para a cianotipia - técnica de impressão manual em tons de azul, realizada a partir de negativos monocromáticos (ou objetos) sobre uma emulsão de citrato férrico de amônio (III) e ferrocianeto de potássio, aplicada em superfícies absorventes (papel ou tecido) e exposta a luz do sol - pois era um desejo tornar o processo de tratamento da imagem em algo mais orgânico e menos preciso, ou seja, não queria ter totalmente o controle do resultado final da imagem, assim como teria caso fizesse em programas digitais que oferecem ferramentas para manipular a imagem com precisão, além do processo digital não oferecer a vivência de ateliê ocupando a casa como gostaria.

Para formar uma imagem usando a técnica de cianotipia é necessário conciliar ações manuais, interações dos químicos e luz do sol, o que significa

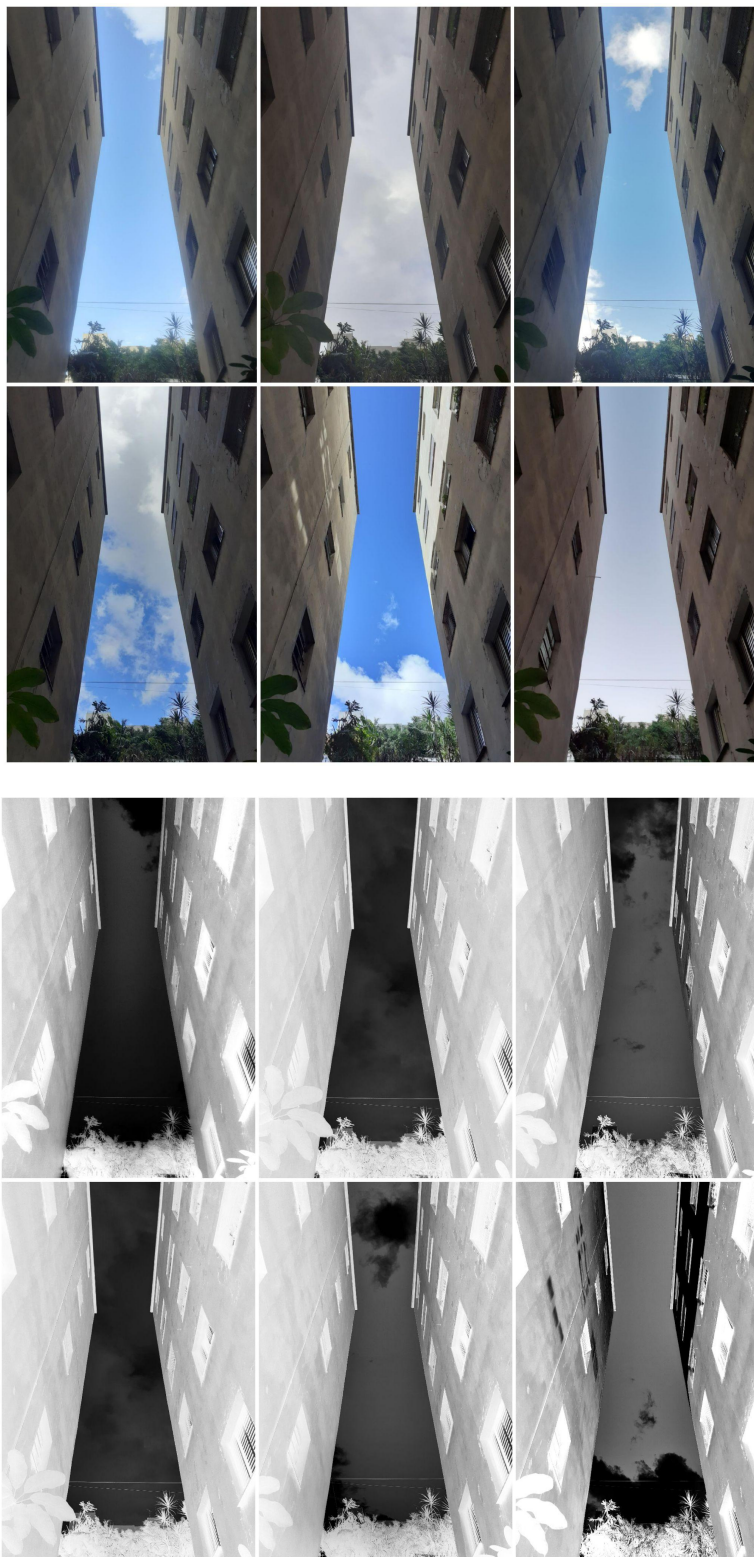
controlar apenas parte do processo, pois mesmo que as etapas sejam padronizadas e sigam as mesmas diretrizes, não é garantido que o químico na interação com o sol gere a mesma tonalidade, preencha o papel da mesma forma ou não produza manchas, já que depende da intensidade da luz, do tempo de exposição, da forma como foi aplicado e manipulação os químicos. O não saber o que esperar e conseqüentemente aprender a incorporar os diferentes resultados, traz uma camada para o trabalho que oferece um desafio maior e torna o processo inesperado até quem está produzindo.

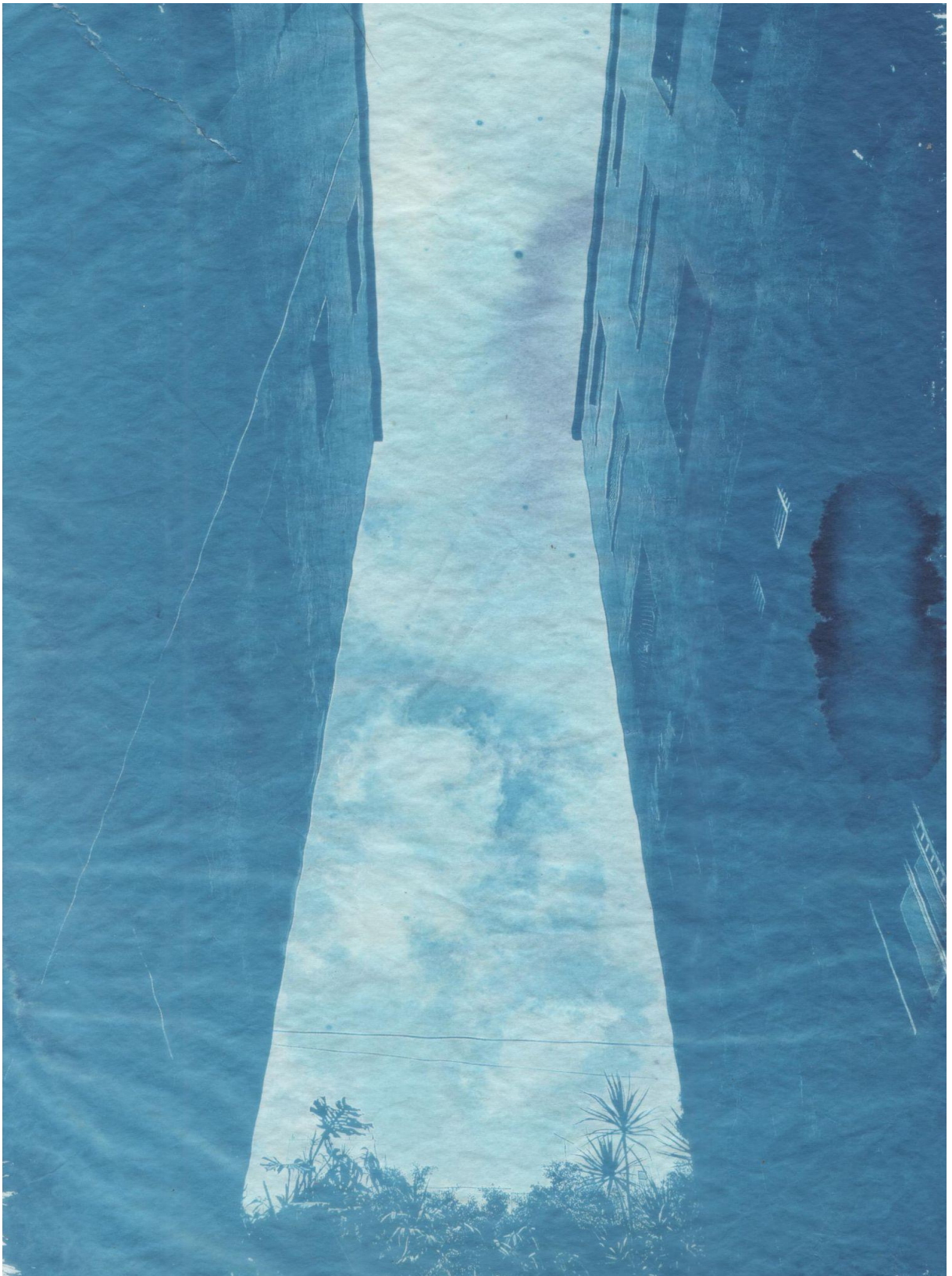
Sendo assim, criei um padrão para tirar as fotos, registrei os dez dias seguidos e iniciei o processo da cianotipia. Primeiro, modifiquei as cores das imagens, passando para o preto e branco (com a intenção de criar diferentes tons de preto e cinza, que permitirá a passagem da luz ou não) e depois para o negativo. Imprimi as imagens negativadas em transparências específicas para impressão a laser. Fiz a mistura do químico, apliquei em diferentes materiais para testar (tecido translúcido, papel manteiga e papel vegetal) e o melhor resultado foi em papel vegetal, pois além de ter uma melhor aderência do químico, não enrugou e ofereceu uma imagem bem definida e translúcida.

Os primeiros testes foram com a luz natural do sol, mas como minha casa não recebe luz direta e os dias estavam nublados, tive que adaptar o processo de algumas imagens para luz negra (UV). Improvisei um laboratório na minha cozinha, lavanderia e quarto. Na cozinha era o espaço para aplicar os químicos no papel e fazer a revelação da imagem usando a pia e alguma bandejas, na lavanderia era feita a secagem e no quarto aconteciam as queimas das imagens, usando duas placas de vidro para fixar bem o negativo e uma luminária de mesa com a luz negra incidindo em cima.

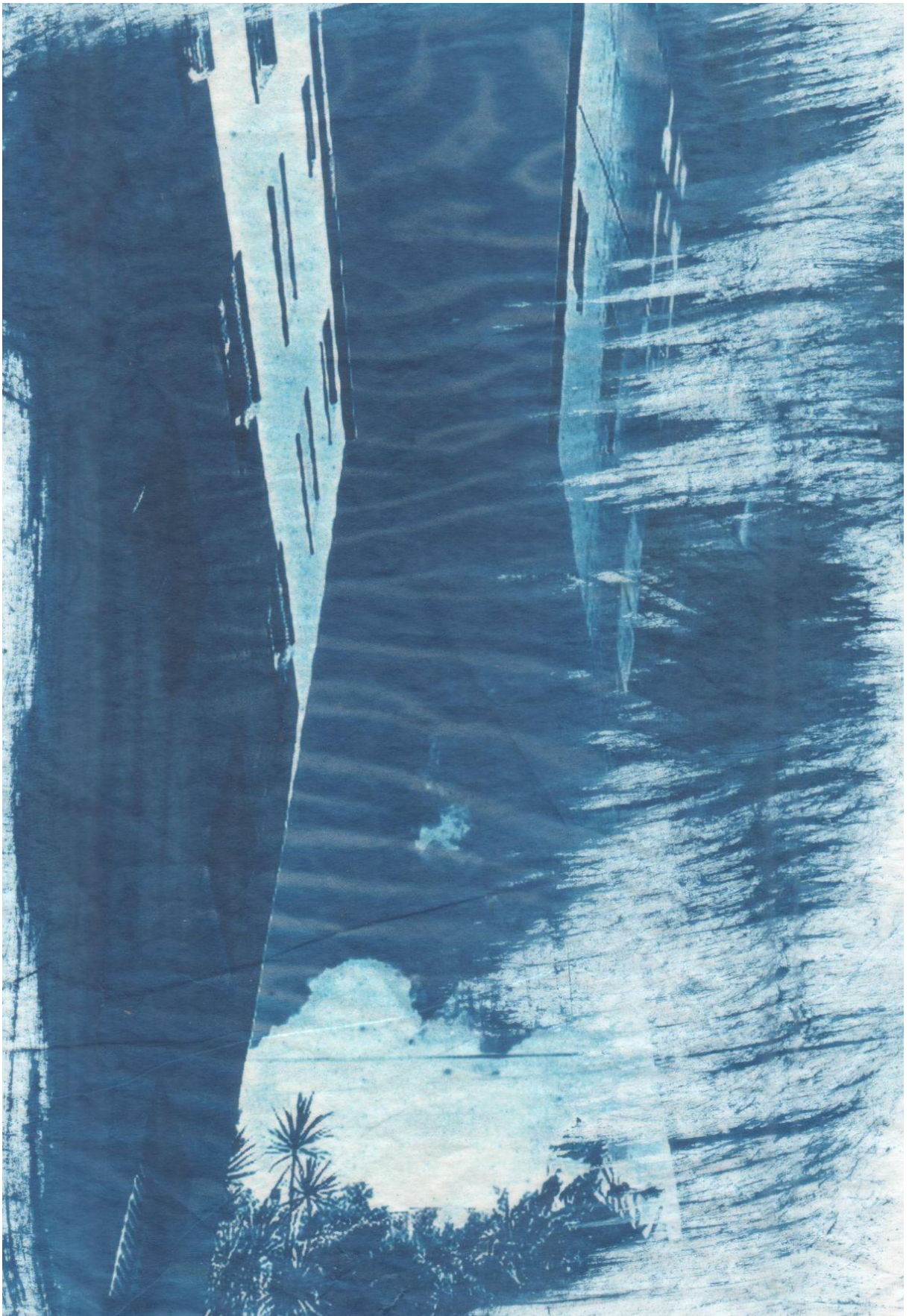
Os resultados das imagens reveladas me agradaram bastante, porque o aspecto leitoso do papel vegetal e a capacidade limitada de absorção do químico, geraram uma imagem definida, com formas facilmente identificáveis, mas com aspecto granuloso (figura pág 40), dando uma textura e um acabamento similar a risografia (processo de impressão em larga escala, com pouca variedade de cores e baixa qualidade), além de algumas manchas e tonalidades variadas de azul. Entretanto, quando a sobreposição é feita os detalhes se misturam, ficam mais escuros e o céu vira um bloco denso e sem vida, remetendo as edificações. A imagem perde detalhes do céu, mas ganha uma composição nova com a vegetação presente na parte inferior da imagem. A sobreposição e a descaracterização

evidenciam as dificuldades e os sentimentos gerados pelo isolamento. Entretanto, o mais importante do trabalho foi o processo, pois conseguir reorganizar a casa, mesclar os ambientes e criar um ritmo nos dias, trouxe uma vitalidade maior e uma direção para as próximas produções.

















4. APRENDER NA CIDADE E COM A CIDADE

O interesse e o olhar atento às ruas de São Paulo surgiu a partir de duas experiências que aconteceram na minha infância, em contexto educacional familiar, e me marcaram profundamente: a primeira está ligada a uma vivência proporcionada pela minha mãe quando tinha 9 anos. Na época, meu irmão e eu, estávamos nos anos iniciais do ensino fundamental e minha mãe, para complementar as atividades escolares, propunha todo mês uma leitura e um exercício para aprofundar algum trecho que nos chamou mais atenção, geralmente escrita ou do desenho, mas a vez em que me refiro a proposta foi diferente: o livro escolhido foi “O gênio do crime” de João Carlos Marinho, editora Global, 1969, e tinha o centro antigo de São Paulo como plano de fundo para os principais acontecimentos e ações das personagens. Sabendo disso, minha mãe fugiu da proposta convencional e propôs um passeio pelas mesmas ruas citadas na história, com a finalidade, acredito eu, de ampliar nosso imaginário sobre a leitura e nos fazer entender que aquelas ruas de fato existem.

Saímos de casa com o livro na mão, que naquele momento nos serviu como guia, e com uma câmera analógica para registrar os lugares. O simples passeio de conhecer as ruas do livro virou uma longa jornada, pois morávamos num bairro periférico e o deslocamento para qualquer bairro mais central era bastante cansativo e difícil. Tínhamos que caminhar até um ponto de ônibus bastante distante da minha casa, pegar dois ônibus que demoravam muito para passar e tinham rotas de viagem extensas até os bairros mais centrais. Era exageradamente perceptível a mudança de paisagem entre meu bairro, Vila Menck - Osasco (com ruas acidentadas, construções irregulares e casas com paredes sem nenhum acabamento e os bairros mais centrais de São Paulo (construções regulares e ruas bem asfaltadas), o que tornava a experiência ainda mais marcante porque estávamos entrando em contato com um lugar totalmente distinto ao que nossos olhos já estavam acostumados.

O livro infantojuvenil é protagonizado por um grupo de crianças que se aventuram pelas ruas da capital paulista para solucionar um mistério envolvendo uma fábrica clandestina de figurinhas premiadas. A história é ambientada em pontos importantes da cidade, entre eles Largo de São Bento, Vale do Anhangabaú, Viaduto

do Chá, Viaduto Santa Ifigênia, Avenida São João, Largo do Paissandu, entre outros. Fizemos todo o percurso caminhando, conversando sobre o livro e registrando, por meio da fotografia, a nossa presença nos locais citados.

Além do contexto fictício, minha mãe entremeava a narrativa com a própria história da cidade de São Paulo (através de monumentos, nomes de ruas, regiões com grande concentração de imigrantes, manifestações culturais e prédios emblemáticos) e com as de nossa família (com relatos da época em que minha avó trabalhava e frequentava lugares do centro antigo de São Paulo), criando ainda mais significados e afetos aos lugares. Lembro-me de ter ficado bastante impressionada por pensar que um mesmo local pode guardar tantas histórias e que eu podia, de certa forma, testemunhá-las ao caminhar por aquelas ruas ouvindo minha mãe e registrando a nossa presença com a câmera analógica.

Outra experiência que marcou e ampliou minha curiosidade pelas ruas de São Paulo, agora um pouco mais velha, foi quando meu pai, ao caminharmos pelas ruas do bairro em que morávamos, contou o que conhecia a respeito do movimento da pixação, explicando sobre a linguagem, sobre a identidade visual própria de cada pixador (que pode ou não estar atrelada a algum grupo), comentou sobre a dinâmica para cada pixador ganhar fama e respeito entre os pares (geralmente seguindo a regra geral de quem consegue pixar prédio altos e de difícil acesso).

A conversa me marcou porque interpretei o movimento como uma espécie de jogo e queria sempre identificar, através da repetição, da altura e do local das “tags” quem estava “ganhando”. Desde então, comecei a mapear os lugares que as pixações, já conhecidas por mim, apareciam com mais recorrência para acompanhar e identificar quem tinha mais influência na região. Saber do contexto e da organização da manifestação cultural, me fez naturalmente querer acompanhar e por consequência criar uma percepção grande aos estímulos visuais da cidade, passando a ter mais atenção não só os pixadores, como também a outras linguagens visuais recorrentes no ambiente público e urbano.

Ambas as vivências aconteceram no contexto familiar e contribuíram muito para minha formação como indivíduo sensível e apto a articular informações existente na vida cotidiana, mas em São Paulo há projetos de educação não formal que fortalecem o envolvimento das pessoas com a cidade e valorizam o aprendizado vivencial por meio de parcerias com escolas e instituições culturais, promovendo ações que integram a comunidade ao redor, a partir da premissa “aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas”.

Um grande exemplo é o coletivo paulistano “apê - estudos em mobilidade”, surgido em 2012 dentro da Universidade de São Paulo (USP), promove ações educativas e debates abertos sobre pesquisas em mobilidade e educação através de parcerias com escolas e instituições culturais desde 2015. O Apê (que significa caminho em tupi) entende a cidade como território de aprendizagem, acredita na importância da discussão pública e no acesso à informação. Sendo assim, organiza encontros e estudos abertos com profissionais, entidades e universidades distintas para ampliar as áreas de atuação e desenvolver projetos educativos.

O projeto “Exploradores da Rua”, organizado pelo grupo, surgiu em 2015 numa parceria com o instituto Tomie Ohtake para tornar o território da cidade acessível e acolhedor a todas as idades a partir do ato de caminhar. Além disso, transforma a relação de crianças do ensino infantil com o espaço público e urbano, tornando-as atuentes e curiosas pelos caminhos e percursos ao redor da escola, tantas vezes banal, mas que podem despertar um olhar mais sensível e um interesse diante do desafio de sair e conhecer, de forma coletiva, o ambiente do entorno escolar e do próprio bairro.

As proposições são pensadas e organizadas a partir de conversas com os professores (buscando dialogar com o projeto político pedagógico estabelecido), mapeamento das necessidades específicas do grupo, planejamento e estruturação da saída para acontecer com segurança. Ao longo dos anos, o coletivo atendeu mais de 600 crianças e gerou um material de pesquisa extenso utilizado para formação de professores e publicações. O grupo acredita que pensar o ambiente urbano como espaço de aprendizado é essencial para o desenvolvimento e formação de indivíduos dispostos a ocupar o espaço público e usufruí-lo ao longo de seu crescimento.

Lendo a publicação “Pé pra fora”, disponível no site do coletivo, na qual as experiências do projeto “Exploradores da rua” são relatadas e são feitos apontamentos sobre a importância do caminhar como experiência estética e forma de ocupar a cidade, tive contato com o pensamento de Rebecca Solnit, 1961, Bridgeport, escritora estadunidense e autora do livro “A história do Caminhar”.

A obra de Rebecca defende que o ato de caminhar foi importante mecanismo de descoberta do mundo e da mente, pois a ação é capaz de produzir pensamento e múltiplas experiências, formando seres pensantes e sensíveis aos estímulos presentes na vida cotidiana. Porém a forma como a sociedade moderna se organiza hoje não permite momentos de pausa para o livre exercício do pensamento e de

experiências criativas, já que estamos pautados numa cultura baseada na produtividade. Sendo assim, fazer algo que aparentemente “nada produz”, no sentido material e capitalista, se torna inadmissível.

Entretanto, Solnit defende que caminhar pode ser uma ótima maneira de driblar o sistema imposto, pois nos coloca no estado mais próximo de estarmos ativos e ao mesmo tempo permite que nossa mente vagueie livremente. A caminhada, por tanto, cria um estado no qual a mente, o corpo e o mundo se alinham, nos permitindo entrar em contato com os nossos próprios pensamentos, ideias e potência criadora. É um estado observador e de sentidos aguçados, uma forma de não só apreciar o mundo, como também de criá-lo.

“[...] pensar não é fazer nada numa cultura voltada à produtividade, e não fazer nada é difícil. A melhor maneira de conseguir isso é fingir que se está fazendo alguma coisa, e a coisa mais próxima de fazer nada é caminhar. O próprio caminhar é o ato intencional que mais se aproxima dos ritmos involuntários do corpo, da respiração e da pulsação. Estabelece um equilíbrio delicado entre o trabalho e o ócio, entre o ser e o fazer. É um esforço físico que nada produz além de pensamentos, experiências, chegadas”.

Hoje pensando nas duas experiências que aconteceram na minha infância e entendendo a importância delas no meu repertório pessoal, acredito que ambas contribuíram para a criação de uma afinidade e um olhar mais atento à cidade e suas possíveis relações. Passei, de certa forma, a enxergar São Paulo como uma estrutura de concreto rígida e passível de qualquer intervenção, leitura e ressignificação. Como se a cidade ganhasse um manto tecido por pessoas que as vivenciam diariamente. Um manto infinitamente rico de estímulos visuais, sensíveis e que cria tensões sobre a vida na cidade.

Proporcionar experiências na cidade é mostrar que o espaço pode ser ocupado por todos, é despertar sensibilidade, é convidar o cidadão a contribuir na confecção do manto que recobre a cidade e a torna viva. Além de fortalecer a relação de ensino aprendizagem em coletivo e por meio da vivência.



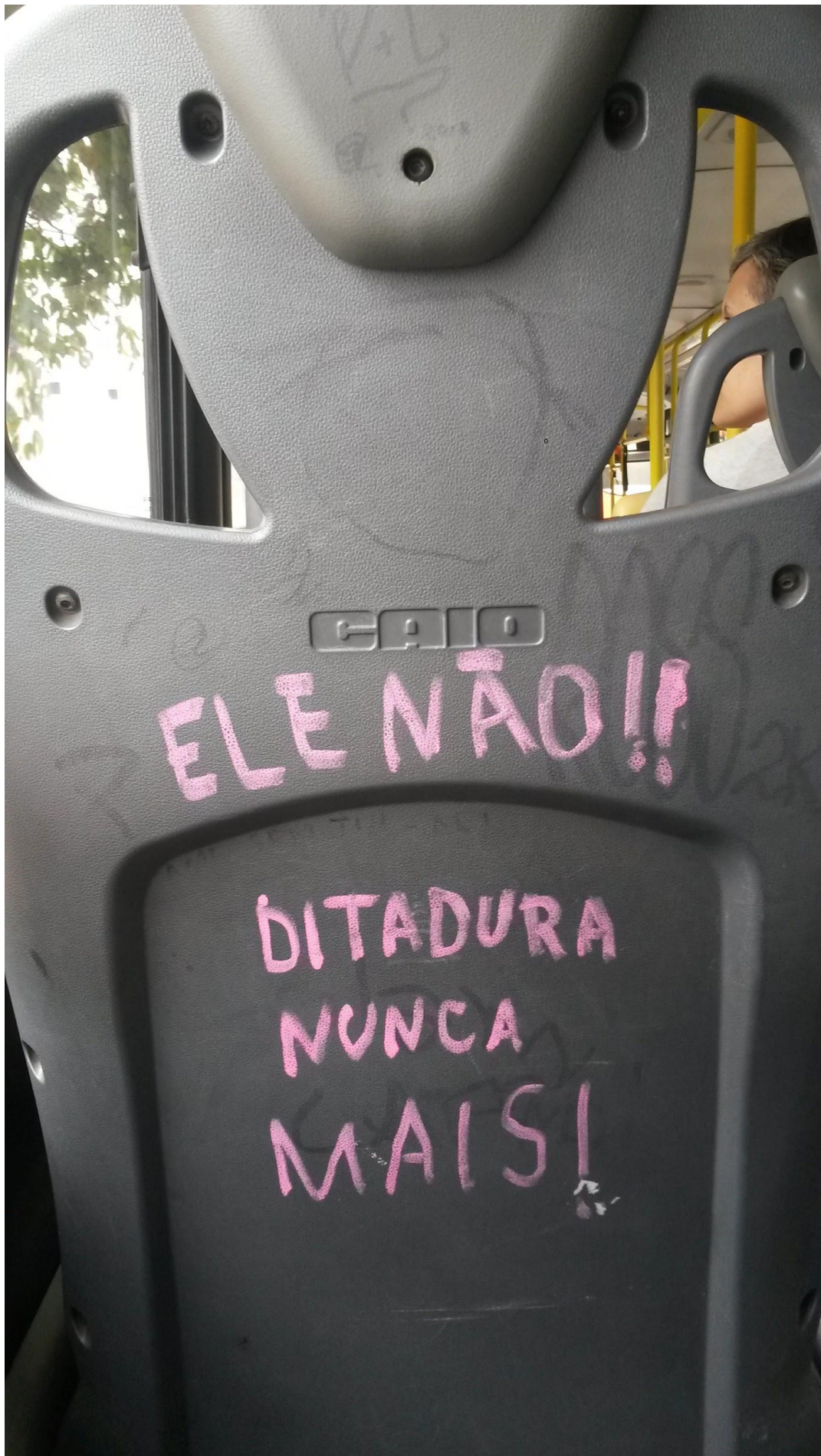
4.1 PROJETO REDE DE ARTE

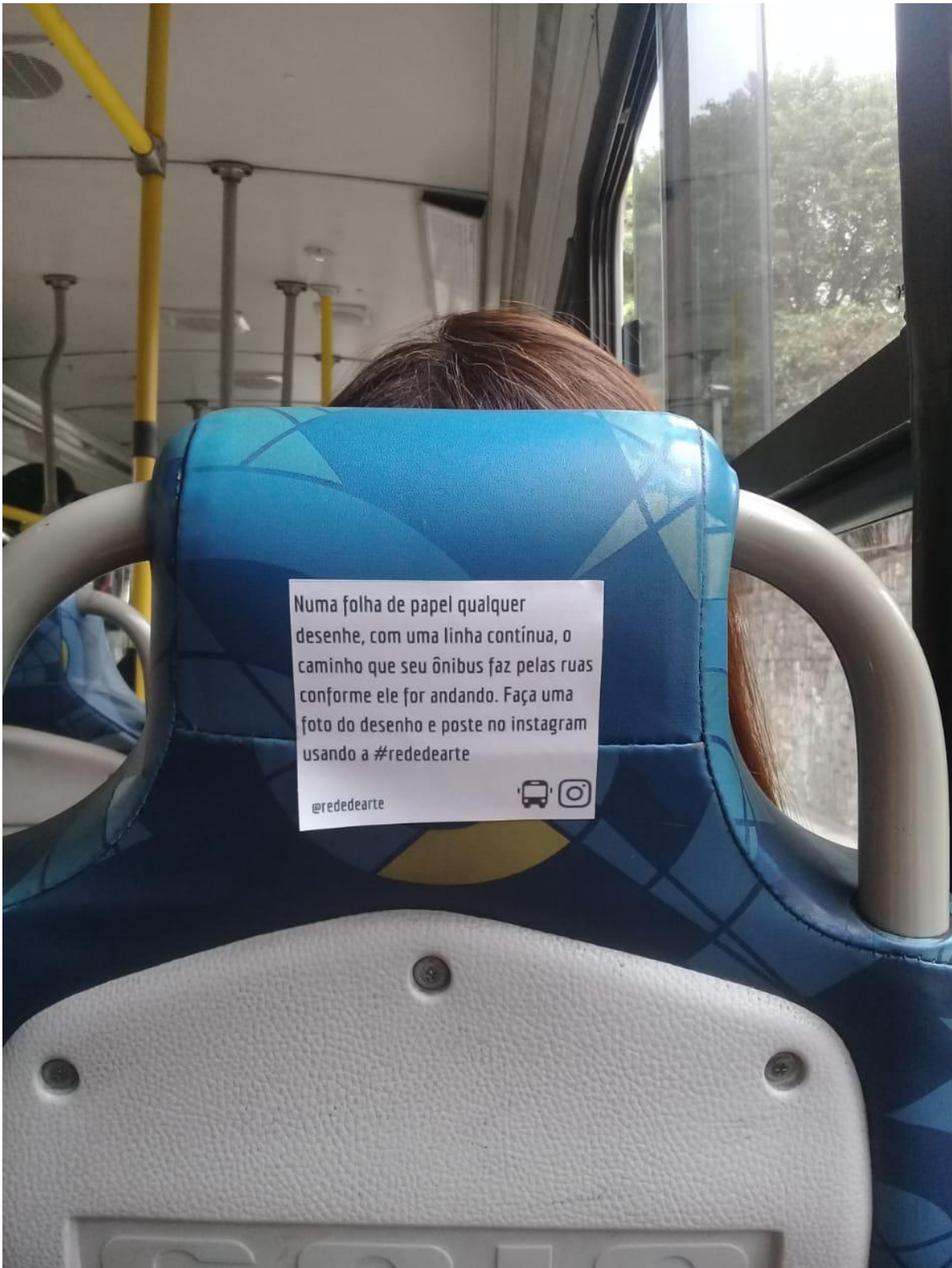
Durante a graduação desenvolvi um trabalho que buscou discutir a nossa relação com o caminho cotidiano e pensar outras formas de vivenciar um percurso corriqueiro e automático. O projeto “Rede de Arte” foi desenvolvido em parceria com a Luciene Alves, no qual criamos uma comunicação indireta com passageiros de ônibus, sugerindo proposições artísticas inspiradas no da livro “Grapefruit - O livro de Instruções e Desenhos de Yoko Ono” e colocadas atrás dos assentos.

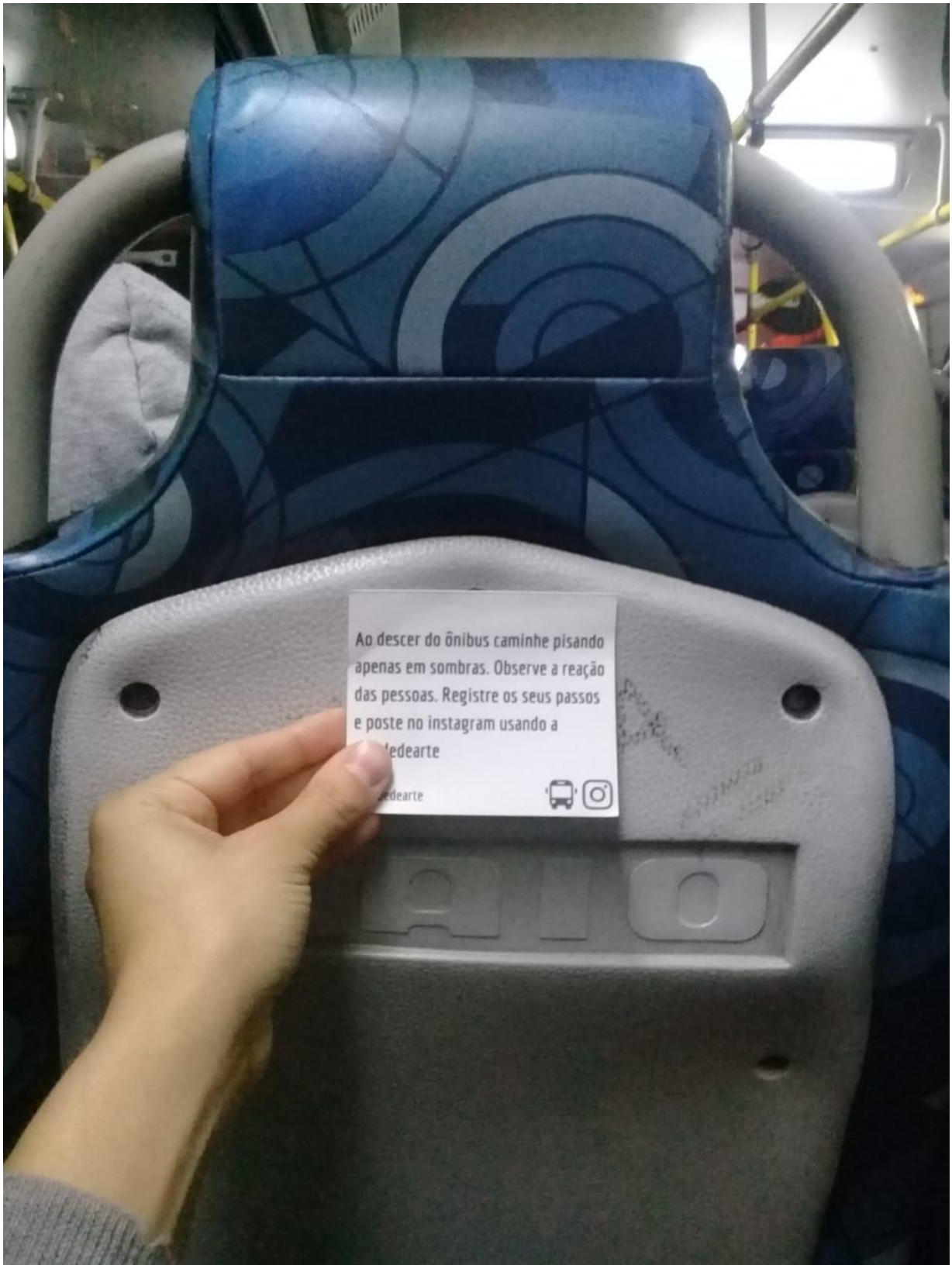
A ideia surgiu quando observamos a existência de comunicação espontânea que se apropria das costas dos assentos de ônibus para veicular ideias e mensagens. Pensamos, então, em iniciar um diálogo, que poderia ser respondido através do Instagram (rede social majoritariamente de imagens) e conectado pela hashtag #rededearte. Criamos uma conta com o nome do projeto para reunirmos as imagens e as produções realizadas para todos acompanharem suas próprias ações e conseguirem criar uma interação com os outros participantes.

A vivência foi bastante rica em trocas, pois o trabalho se fez a partir da interação de pessoas que se permitiram sair um pouco da rotina para olhar o seu próprio caminho e realizar uma ação não usual. Além da quebra no ritmo, houve também o ato de compartilhar, que é muito importante no processo de construção e elaboração coletiva, já que é possível aprender e agregar nossas vivências e repertório a partir da diversidade de olhares e formas de experienciar o mundo.









Ao descer do ônibus caminhe pisando apenas em sombras. Observe a reação das pessoas. Registre os seus passos e poste no instagram usando a

#dearte

#dearte



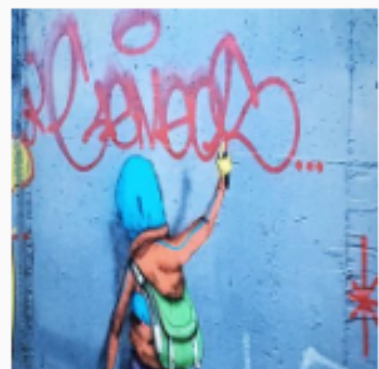
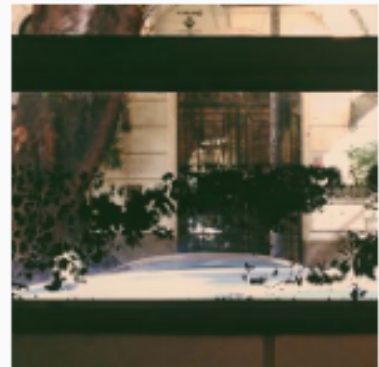
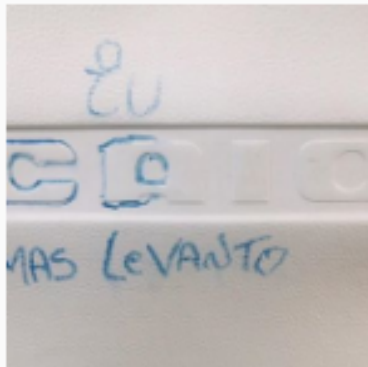


#rededearte

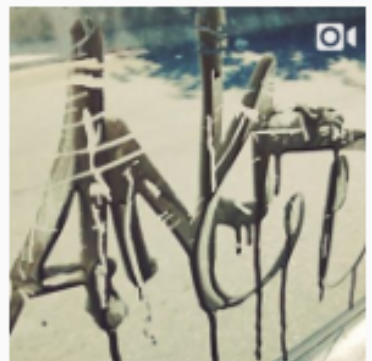
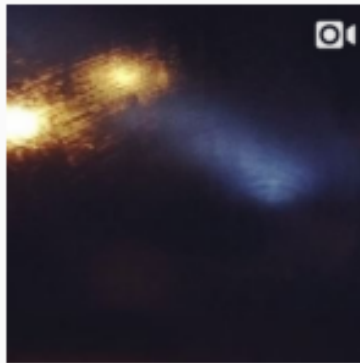
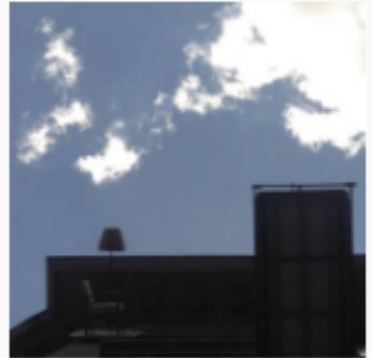
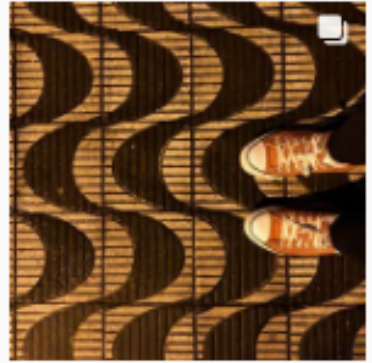
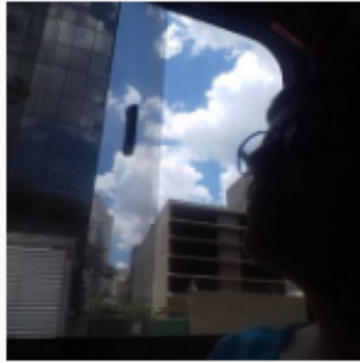
21 publicações

Seguindo

Principais Publicações



Mais Recentes



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pude entender através da pesquisa, da descrição do processo e da elaboração das minhas vivências, a importância e a necessidade de criar momentos de pausas e desaceleração do ritmo imposto pela forma como nossa sociedade se organiza hoje, para assim, proporcionar experiências sensíveis com a finalidade de construir relações (entre as pessoas e com os lugares) com mais qualidade e significados. Aprendi também, como estas experiências podem ser potencializadas quando atreladas a prática artístico-educacional que integra estímulos e formas da cidade, o compartilhamento de olhares, subjetividade e o caminhar em coletivo, gerando produções capazes de nos fazer pensar, ocupar e encontrar outras formas de estar na cidade.

Pensar em ferramentas para produção de pensamento, significados e sentidos no contexto urbano, me colocou em contato com projetos educacionais e autores que valorizam o aprendizado vivencial, que vão na contramão de relações de ensino tradicionais baseados na lógica capitalista de produtividade, que dão abertura a vivências afetivas e coletivas, evidenciando o ato de caminhar (que nos coloca, ao mesmo tempo, no estado de observador e agente), como estratégia para se permitir ocupar a cidade em outro tempo e se atentar aos detalhes. A realização da pesquisa despertou também grande interesse em prosseguir novos trabalhos artísticos atrelados a uma pesquisa teórica com o objetivo de reunir mais exemplos de como a relação corpo, movimento (caminhar) e cidade podem contribuir para promover experiências coletivas e individuais no meio urbano.

No âmbito pessoal, iniciar o Trabalho de Conclusão de Curso me permitiu retomar a prática artística, buscar formas de adaptar os espaços, aprender novas técnicas, experimentar materiais que não estava habituada, revisitar e dar continuidade a trabalhos anteriores, buscar inspiração em relatos de processos criativos de outros artistas e também entender as limitações físicas e emocionais devido ao período atípico que estamos enfrentando.

Revisitar vivências, entender a importância no meu repertório pessoal e observar como se manifestam na minha produção artística e na forma de pensar e elaborar o mundo, foi importante para produzir uma análise aprofundada sobre o meu processo criativo e pensar possíveis ações artísticas e educativas com o objetivo de proporcionar experiências estéticas, estimular vínculos afetivos e convidar os cidadãos a participarem de forma ativa na vida na cidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

ZAMBONI, Silvio. Pesquisa em Torno da Linguagem Fotográfica - Alguns de Meus Percursos. Belém, 22º encontro Nacional, ANPAP, 2013.

MAUS, Lilian. A palavra está com elas: diálogos sobre a inserção da mulher nas artes visuais. 1ª Edição. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2014.

MARINHO, João Carlos. O gênio do crime. 36ª Edição. São Paulo: Global, 1989.

Apê - estudos em mobilidade. Pé pra fora. Revista Contraste - publicação independente dos estudantes da FAU-USP, São Paulo. n. 05, p. 144-149, Mar. 2018.

DE SANTANA, Wilck Camilo Ferreira. Pensando o caminhar como experiência estética e método de ficção literária. Pernambuco, UFPE, Revista Tabuleiro de Letras, v. 14, n. 01, p. 210-214, jan./jun. 2020.

SOLNIT, Rebecca. A história do caminhar. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes-Selo Martins, 2016.

ONO, Yoko. Grapefruit - O livro de Instruções e Desenhos de Yoko Ono. 1ª Edição em inglês. Nova York: Simon & Schuster, 1970.